



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPUS I  
CENTRO DE EDUCAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA  
CURSO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA**

**FERNANDA THAYNELLY ACIOLE DE CARVALHO**

**FORMAÇÃO DO PROFESSOR EM GEOGRAFIA E LACUNAS NO  
COTIDIANO DA SALA DE AULA EM RELAÇÃO AO CONTEÚDO SOLOS**

**CAMPINA GRANDE-PB**

**2017**

**FERNANDA THAYNELLY ACIOLE DE CARVALHO**

**FORMAÇÃO DO PROFESSOR EM GEOGRAFIA E LACUNAS NO  
COTIDIANO DA SALA DE AULA EM RELAÇÃO AO CONTEÚDO SOLOS**

**Trabalho de Conclusão de Curso em forma de Monografia apresentado ao Curso de Geografia da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado(a) em Geografia.**

**Área de concentração: Educação e Meio Ambiente.**

**Orientadora: Prof. Dr<sup>a</sup>. Ledian Rodrigues Lopes Ramos Reinaldo**

**CAMPINA GRANDE-PB**

**2017**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

C331f Carvalho, Fernanda Thaynelly Aciole de  
Formação do professor em geografia e lacunas no cotidiano da sala de aula em relação ao conteúdo solos [manuscrito] / Fernanda Thaynelly Aciole de Carvalho. - 2017.  
64 p. : il. color.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2017.

"Orientação: Profa.Dra.Lediam Rodrigues Lopes Ramos Reinaldo, Departamento de Geografia".

1.Formação do professor. 2.Sala de Aula. 3. Geografia. 4. Solo. I. Título.

21. ed. CDD 372.891

FERNANDA THAYNELLY ACIOLE DE CARVALHO

FORMAÇÃO DO PROFESSOR EM GEOGRAFIA E LACUNAS NO  
COTIDIANO DA SALA DE AULA EM RELAÇÃO AO CONTEÚDO SOLOS

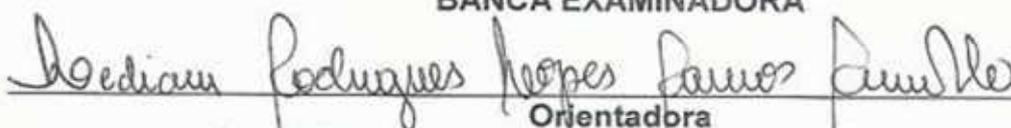
Trabalho de Conclusão de Curso em forma de Monografia apresentado ao Curso de Geografia da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado(a) em Geografia.

Área de concentração: Educação e Meio Ambiente.

Orientadora: Prof. Dr. Ledian Rodrigues Lopes Ramos Reinaldo.

Aprovado (a) em: 11/04/2017

BANCA EXAMINADORA



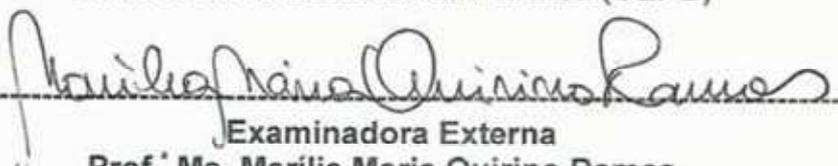
Orientadora

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Ledian Rodrigues Lopes Ramos Reinaldo  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Examinadora Interna

Prof.<sup>a</sup> Ms Maria das Graças Ouriques Ramos  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Examinadora Externa

Prof.<sup>a</sup> Ms. Marília Maria Quirino Ramos.  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Aos meus pais, por todo apoio, dedicação,  
confiança e incentivo, DEDICO.

## AGRADECIMENTOS

É chegada a hora de finalizar mais um ciclo em minha vida para assim poder iniciar um outro. No decorrer de toda caminhada recebi o apoio de grandes mestres, nos quais me deram direcionamentos para que pudesse chegar onde hoje eu chego.

A Deus, agradeço primeiramente, pois Ele é quem me fortalece, guia e ilumina todos os meus caminhos sem me abandonar nos meus dias de fraqueza e me dá forças para vencer cada obstáculo.

À Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), em especial ao campus I, que me ofereceu todo o suporte necessário no decorrer do curso, com oportunidades ímpares de crescer profissionalmente.

Ao Departamento e à Coordenação do Curso de Geografia que tão brilhantemente me acolheu desde meu ingresso à vida universitária, oferecendo-me todo o suporte necessário para realização das mais variadas atividades.

Aos professores do Curso de Geografia da UEPB, em especial, Marília Quirino, Daniel Campos, Juliana Nóbrega, Juliana Vilar e Josandra Melo que contribuíram ao longo dos anos de curso, por meio das disciplinas e debates, para o desenvolvimento desta pesquisa.

Às funcionárias da UEPB, Nick e Raiane, pela presteza e atendimento quando necessário.

À minha orientadora Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Lédiam Rodrigues Lopes Ramos Reinaldo, por toda dedicação e confiança oferecida a mim, que me deu suporte em tudo que precisei, desde as sugestões de leituras e correções, orientando-me com tamanho empenho e esforço, para que fosse realizada a elaboração deste trabalho.

Aos componentes da Banca, Prof.<sup>a</sup> Ms. Marília Quirino e à Prof.<sup>a</sup> Ms. Graça Ramos.

Às pessoas entrevistadas, alunos do Ensino Fundamental e colegas de curso, pela contribuição ímpar para realização da minha pesquisa.

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico CNPq por incentivar através de financiamento os meus primeiros passos nas atividade pesquisa enquanto bolsista PIBIC.

À minha mãe e ao meu pai, que tanto acreditaram em meu potencial, que tanto investiram em minha educação desde os anos iniciais, por saber que este é o maior

tesouro que pode-se deixar para um filho, sem medir esforços e me dando a cada dia a certeza do espelho de vida mais belo que eu poderia ter como exemplo a ser seguido.

Às minhas queridas irmãs, Mayara e Thaynara, que sempre me deram força para alcançar tudo o que almejo; aos meus avós por todo amor e carinho; aos meus cunhados, Cristiano e Juan por todo apoio.

Ao meu namorado André, por todo apoio, incentivo, força, carinho e por me fazer enxergar o meu potencial sem me deixar desistir de ir adiante.

À Ana Paula e Poliana (*in memoriam*), embora fisicamente ausente, sentia sua presença ao meu lado, dando-me força e fazendo-me sentir que sou capaz de ir além.

Aos amigos Bruna, Felipe e Esteliana que sempre com uma palavra de apoio e um abraço acolhedor, me incentivaram a ir cada vez mais além para conquistar tudo que almejo, sem fraquejar em qualquer obstáculo que pudesse aparecer.

A todos que direta ou indiretamente moldaram-me nesta caminhada, o meu muito obrigado.

Mas o mestre não se contém e procura, nas costas do seu discípulo, prenúncios de asas- asas que ele imaginara haver visto como sonho, dentro dos seus olhos. O Mestre sabe que todos os homens são seres alados por nascimento, e que só se esquecem da vocação pelas alturas quando enfeitados pelo conhecimento das coisas já sabidas. Ensinou o que sabia. Agora chegou a hora de ensinar o que não sabe: o desconhecido.

Rubens Alves!

CARVALHO, F.T.A. de - **Formação do Professor em Geografia e lacunas no cotidiano da sala de aula em relação ao conteúdo Solos.** (Monografia). UEPB\_CEDUC.DG. Curso de Licenciatura em Geografia. Campus I. 2017.

## RESUMO

O profissional licenciando em Geografia no decorrer de sua caminhada depara-se com obstáculos distintos que moldam sua identidade enquanto formador. O decorrer desta caminhada, faz com que este profissional absorva metodologias de diferentes professores que passaram neste processo de sua vida. Uma problemática comum a ser debatida no curso de formação do professor em Geografia é a ligação da teoria com a prática, a preparação destes profissionais, realizada em Instituições de Ensino Superior, para realidade do cotidiano escolar, acarretando numa não preparação profissional para lecionar em turmas do ensino básico, tendo em vista que um número considerável de alunos do durante a formação compreendem que a realidade que encontraram ou ainda irá encontrar em sala de aula da Educação Básica, encontra-se totalmente dissociada da teoria estudada na IES. Este profissional na medida que não se sente seguro para lecionar e mesmo assim, por situações adversas, tem de encarar este ambiente, acaba acarretando num processo de ensino-aprendizagem com falhas gerando um ciclo no qual o aluno do ensino básico ao estudar determinado assunto não compreenderá a importância e a ligação que tem com seu entorno. A disciplina de Geografia é rica em conteúdos que se fazem presentes na vida do indivíduo e o professor desta área tem como seu maior aliado a construção da ponte de saberes entre a sala de aula e o meio que cerca o seu aluno. Focalizou-se nesta pesquisa a visão que 24 profissionais em formação do curso de Geografia da UEPB do campus I, entre 20 e 53 anos de idade, têm acerca da formação que estão recebendo, bem como a análise da aprendizagem de um total de 79 alunos do 7º, 8º e 9º ano do Ensino Fundamental II do município de Esperança sobre o que absorveram do conteúdo de Solos, assunto comumente visto quando estuda-se no 6º ano do Ensino Fundamental II, no município de Esperança-PB, através do livro didático intitulado Expedições Geográficas, de Sérgio Adas e Melhem Adas. Para que a pesquisa pudesse obter êxito, os objetivos a serem alcançados tiveram como foco a compreensão do processo de formação do docente, desconstruir a visão distorcida da teoria e prática, analisar a aprendizagem dos alunos no Ensino Básico acerca da compreensão do estudo do Solo, para assim buscar meios e alternativas para ocorra uma melhora significativa no processo de Ensino, seja em IES ou domiciliar. As lacunas presentes na formação do licenciando em Geografia desencadeia um ciclo que ultrapassa gerações, necessitando uma tomada de medidas que possam estimular nosso aluno, sobretudo por análises da realidade atual que tornou-se comum no entorno de todo indivíduo, partindo dos limites da sala de aula e assim estender o leque de saberes, seja na IES ou na Instituição de Ensino Básico.

**Palavras-Chave:** Formação do professor. Sala de Aula. Solo. Cotidiano.

CARVALHO, F.T.A.de - **Teacher Training in Geography and gaps in everyday classroom regarding the Soil content.** (Monograph). UEPB\_CEDUC.DG.Graduate Course in Geography. Campus I.2017.

### **ABSTRACT**

The professional graduating in Geography in the course of his walk, with distinct obstacles that shape his identity as a formator. O course of this journey, this professional is able to absorb methodologies of different teachers who have passed through this process of their life. An problem to be discussed in the teacher training course in geography is the linkage of theory with practice, the preparation of these professionals, held in Higher Education Institutions, for daily reality school, resulting in a lack of professional preparation for teaching in of basic education, given that a considerable during training understand that the reality they have encountered or will still to find in the Basic Education classroom, it is totally dissociated from the theory studied in HEI. This professional, insofar as feel safe to teach and even then, due to adverse situations, facing this environment, ends up entailing a process of teaching-failures, generating a cycle in which the studying a particular subject will not understand the importance and with your environment. The discipline of geography is rich in content that present in the individual's life and the teacher in this area has as his the building of the bridge of knowledge between the classroom and the around your student. This research focused on the view that 24 professionals in course of geography of UEPB campus I, between 20 and 53 years of about the training they are receiving, as well as learning of a total of 79 students from the 7th, 8th and 9th grades of elementary school II of the municipality of Esperança on what they absorbed of the content of Solos, matter commonly seen when studying in the 6th year of elementary school II, in the municipality of Esperança-PB, through the textbook entitled geographic expeditions, by Sérgio Adas and Melhem Adas. In order for the survey to the objectives to be achieved were focused on understanding of the teacher training process, deconstruct the distorted view of the theory and practice, to analyze the students' learning in Basic Education about the understanding of the Soil study, in order to find means and alternatives for there is a significant improvement in the teaching process, either in HEI or Household the gaps in the training of the licenciando in Geography unleashing a cycle that goes beyond generations, necessitating a measures that can stimulate our student, especially by analyzing reality that has become common in the surroundings of every individual, starting from the limits of the classroom and thus extend the range of knowledge, either at the IES or the Institution of Basic Education.

**Keywords:** Teacher Training. Classroom. Ground. Daily.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1:	Mapa da localização do município de Campina Grande-PB.....	18
Figura 2:	Mapa da localização do município de Esperança-PB .....	19
Figura 3:	Gráfico da realidade escolar vista nos componentes do curso de formação profissional.....	39
Figura 4:	Gráfico da realidade escolar que os entrevistados têm por experiência.....	40
Figura 5:	Gráfico mostrando o exercício da docência do profissional em Geografia.....	41
Figura 6:	Gráfico sobre a opinião do profissional acerca da teoria versus a prática na IES.....	42
Figura 7:	Gráfico sobre o conceito de Solo de acordo com os alunos da Zona Rural, turma 7º ano .....	45
Figura 8:	Gráfico sobre o conceito de Solo de acordo com os alunos da Zona Urbana, turma 7ºano.....	46
Figura 9:	Gráfico sobre a visão dos alunos do 7º ano acerca das consequências do mal uso do Solo.....	47
Figura 10:	Gráfico sobre o conceito de Solo de acordo com os alunos da Zona Rural, turma 8º ano.....	48
Figura 11:	Gráfico sobre o conceito de Solo de acordo com os alunos da Zona Urbana, turma 8º ano.....	49
Figura 12:	Gráfico sobre a visão dos alunos do 8º ano acerca das consequências do mal uso do Solo.....	50
Figura 13:	Gráfico sobre o conceito de Solo de acordo com os alunos da Zona Rural, turma 9º ano.....	51
Figura 14:	Gráfico sobre o conceito de Solo de acordo com os alunos da Zona Urbana, turma 9º ano.....	52
Figura 15:	Gráfico sobre a visão dos alunos do 9º ano acerca das consequências do mal uso do Solo.....	53

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BNCC	Base Nacional Comum Curricular
CNPQ	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
IDEB	Índice de Desenvolvimento da Educação brasileira
IES	Instituição de Ensino Superior
PB	Paraíba
UEPB	Universidade Estadual da Paraíba

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO</b> .....	13
<b>2. METODOLOGIA</b> .....	14
2.1 Caracterização da Pesquisa: da formação docente ao cotidiano em sala de aula .....	14
2.2 As Etapas para Realização da Pesquisa .....	15
2.3 Categorias Geográficas Presentes no Estudo .....	16
2.4 Amostragem .....	17
<b>3. CARACTERIZAÇÃO GEOGRÁFICA DO ESPAÇO DA PESQUISA</b> .....	18
3.1 Localização e Representação Cartográfica .....	18
3.2 Caracterização Física e Ambiental .....	19
3.3 Aspectos Sociais .....	20
<b>4. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA</b> .....	21
4.1 A Formação do Profissional em Geografia .....	21
4.1.1 A importância das práticas didático-pedagógicas e metodológicas no ensino da Geografia.....	24
4.2 O Choque da Realidade com o Cotidiano da Sala de Aula .....	27
4.2.2 O uso das categorias geográficas, paisagem e espaço, no cotidiano escolar .....	29
4.3 Concepções sobre o Conceito e Importância do Solo .....	30
4.3.3 O livro didático e sua utilização para abordagem de um conteúdo tão presente na vida cotidiana do aluno.....	31
4.4 A Abordagem da BNCC para as Séries do Ensino Fundamental II em Geografia .....	35
<b>5. RESULTADOS E DISCUSSÕES</b> .....	37
5.1 Trazendo uma parcela da realidade para o cotidiano escolar .....	54
<b>6. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	56
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	58
<b>APÊNDICES</b>	
A- Modelo de entrevista realizada com alunos do curso de formação em Geografia.....	61
B- Modelo de entrevista realizada com alunos do Ensino Fundamental II.....	62
C- Cronograma de atividades 2016/2017 .....	63
<b>ANEXOS</b>	
A- Foto da CIAc, Centro de Educação onde ocorre as aulas de formação do docente em Geografia na UEPB do campus I .....	64
B- Foto da E.M.E.F. Olímpia Souto.....	64

## 1. INTRODUÇÃO

O presente estudo faz uma análise didático-pedagógica do modo como é abordado o ensino da Geografia no processo de formação do professor da área, além da abordagem realizada em sala de aula, pelo profissional em formação e/ou com a formação concluída, no Ensino Fundamental II, acerca de um conteúdo que se faz tão presente no cotidiano de todo ser humano: o solo na agricultura. Como a formação do profissional em Geografia pode afetar na aprendizagem dos alunos do Ensino Fundamental? As lacunas existentes decorrentes da formação deste profissional chegam a criar um verdadeiro ciclo que precisa ser quebrado.

Pegando como foco para delimitação do problema, a formação docente, onde o mesmo encontra dificuldades na assimilação do conteúdo para assim adaptá-lo à realidade dos seus alunos, acarretando na dissociação da Geografia da IES e da sala de aula no ambiente escolar, bem como a abordagem realizada pelos livros didáticos e pelos profissionais já em atuação acerca do conteúdo Solos, um assunto abordado em sala de aula que encontra-se tão presente na vida de cada indivíduo e que apresenta em suas páginas grave deficiência no conteúdo estudado ou definições, por vezes, equivocadas.

Quando o profissional da Licenciatura encontra-se ainda em formação, as disciplinas estudadas na Instituição direcionam a sua aprendizagem com uma linguagem mais técnica, de uma maneira que ao encarar a sala de aula o professor deve adaptar sua linguagem ao transmitir os conteúdos para os alunos de acordo com o entendimento da turma. Os profissionais em Geografia demonstram certo desânimo e desencantamento com a área ao ver que já completaram mais de 50% do Curso e até aquele dado momento não compreendem que há uma ponte ligando teoria à realidade.

Os livros didáticos caminham junto à problemática da formação docente. Eles detêm uma grande carência de assunto direcionado ao tema abordado na pesquisa junto aos alunos do Ensino Fundamental II, fazendo ligação ao meio cotidiano de cada um deles. Os cursos de Licenciatura direcionam a formação de seus profissionais com uma abordagem mais técnico-científica e esquecem de caminhar junto à abordagem do cotidiano escolar.

Saber identificar cada detalhe presente no Solo, desde sua formação e composição até sua importância para toda sociedade, é um fator determinante para

que os jovens passem a enxergar este bem tão valioso com um olhar diferenciado, visando a sua melhoria em casa e na sociedade. Quando encontram em sala de aula um profissional estimulado que caminhe junto a eles na descoberta do mundo que os cerca, o processo de ensino-aprendizagem passa a atrair os olhares desses jovens e envolvê-los, utilizando-se de meios disponíveis que atraiam seus olhares para o conteúdo que está sendo trabalhado em sala de aula.

Sob uma análise qualitativa, a pesquisa tem como objetivo principal a ser alcançado: compreender o processo de formação do profissional docente em Geografia, bem como suas certezas e receios acerca da realidade encontrada em sala de aula, para então desconstruir a dissociação que o profissional da área faz da teoria, vista na IES, com a prática, a realidade do ambiente de trabalho deste profissional, analisar a aprendizagem de alunos do ensino fundamental adquirida de um assunto tão fortemente presente no entorno do indivíduo, que é o Solo na Agricultura e assim propor alternativas para que ocorra uma melhora significativa na abordagem da formação do professor de Geografia e no processo de ensino-aprendizagem do ensino básico.

O objeto de estudo consiste em uma pesquisa detalhada com uma turma de alunos do curso de licenciatura em Geografia na UEPB, e com jovens alunos do Ensino Fundamental II. No decorrer do trabalho foram explicitados os aspectos físicos e socioambientais da importância de se conhecer detalhadamente o Solo que todos utilizam para a sobrevivência, buscando ir para além da sala de aula. Em um período de dois meses, esta pesquisa realizou-se com as turmas do 7º ao 9º ano, na E.M.E.F. Olímpia Souto, além da pesquisa *in loco* com profissionais em formação da área, na IES UEPB, com uma faixa de 20-53 anos de idade.

As lacunas presentes na formação do profissional em Geografia, o professor, desencadeia um ciclo que ultrapassa gerações, pois falta estímulo e direcionamentos na formação do profissional que o levam a enxergar e reafirmar os porquês de ter escolhido seguir o exercício da docência.

## **2. METODOLOGIA**

### **2.1 Caracterização da pesquisa: da formação docente ao cotidiano em sala de aula.**

A educação Geográfica dá-se através da construção de uma ponte entre saberes científicos e os empíricos, possibilitando ao profissional de Geografia e aos educandos uma zona de conforto entre os saberes compartilhados em sala de aula, algo que deve-se partir da formação acadêmica do docente. Nota-se que profissionais em formação nas áreas de Licenciaturas, sobretudo na Geografia, deparam-se com uma dissociação dos conteúdos aprendidos nas Instituições, para aqueles levados ao cotidiano em sala de aula, de maneira mais técnica, deixando de lado a ligação com o local e o entorno do aluno.

O presente estudo deu-se sob uma análise didático-pedagógica, com caráter exploratório, que de acordo com Gil (1991), o caráter exploratório visa proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo explícito ou a construir hipóteses, tendo como objetivo principal o aprimoramento de ideias ou a descoberta de intuições, tendo em vista que não há trabalhos anteriores que abordem teorias evidentes da prática na qual encontra-se evidente na atualidade.

Para que o estudo da problemática abordada ocorresse com maior precisão, foi utilizada também a análise qualitativa, onde de acordo com o quadro comparativo, elaborado a partir das ideias de Mauch e Birch (1998), a pesquisa qualitativa depende de dedução, conclusões, raciocínio ou inferências de princípios gerais para particulares, requerendo envolvimento do pesquisador com as pessoas, eventos e ambiente como parte integrante do processo levantamento.

A partir dos métodos utilizados foi possível o levantamento de dados sobre as motivações chaves para estudo da problemática abordada. Seguindo ainda com observações *in loco*, seleção bibliográfica sobre o estudo, contextualizações e aplicabilidade do solo, além de análise dos livros didáticos e entrevistas aplicadas aos alunos do Ensino Fundamental II, como métodos utilizados para melhor realização das etapas realizadas.

## **2.2 As etapas para realização da pesquisa**

Com base no que se objetivou alcançar, para melhor realização deste estudo, a pesquisa contou com diferentes etapas. As etapas desencadearam-se em dois momentos: o primeiro na IES com entrevista realizada com os profissionais em formação de Geografia no campus I da UEPB de Campina Grande-PB, bem como o segundo que aconteceu com alunos do Ensino Fundamental II, onde nas turmas

entrevistas haviam alunos residentes tanto da zona rural quanto da zona urbana do município de Esperança-PB.

Para obter êxito acerca dos resultados esperados através do estudo do objeto de pesquisa, os dois momentos abordados contaram com as seguintes etapas: utilização do conhecimento empírico de familiares como uma ponte entre o saber científico da área em estudo juntamente com o entorno do indivíduo, de modo a encontrar respostas sobre a possível solução da problemática aqui exposta, como também através de conversas informais com os alunos residentes em zona rural, do município onde originou-se esta pesquisa.

A elaboração de entrevista para os alunos da graduação em Geografia na UEPB, pautou-se sob as maiores dificuldades por eles encontradas no decorrer da formação docente, pegando como foco a percepção de cada aluno sobre as lacunas por eles detectadas, no que se diz respeito à ligação de conteúdos vistos na Instituição, e aqueles levados para o cotidiano em sala de aula.

A outra entrevista elaborada teve como foco a realidade que os alunos das turmas do 7º ao 9º ano do Ensino Fundamental da E.M.E.F. Olímpia Souto, que encontram-se inseridos no município de Esperança-PB. Através das respostas do questionário e de conversas informais com os alunos do Ensino Fundamental, possibilitou-se uma melhor análise das lacunas presentes na abordagem deste ensino como também de toda a Geografia.

### **2.3 Categorias geográficas presentes no estudo**

Cada ser humano carrega consigo uma bagagem de conhecimentos geográficos que vêm desde o seu primeiro contato com o mundo, quando ainda bebê, até as séries finais dos seus estudos. Esta bagagem pode e deve ser explorada pelo professor para que a partir disto seja possível levar o aluno a encantar-se ainda mais pela amplitude de tão bela disciplina, explorando elementos tanto dentro da própria instituição, quanto além dela. Para que haja o estudo da Geografia, tanto da Geografia escolar quanto da Ciência Geográfica, torna-se necessário adquirir-se de conceitos primordiais básicos que a moldam: o espaço, território, paisagem, região e lugar.

O indivíduo contribui cotidianamente para que estes conceitos permaneçam em constantes modificações e jamais estáticos. Para melhor delimitação do estudo aqui

apresentado, tem-se por foco os conceitos acerca da paisagem e do espaço, pois todo fenômeno ocorrente na Terra, dá-se sob um espaço, o qual suas paisagens vivem em constantes metamorfoses, em conjunto com a dinamicidade do espaço (SANTOS,1988).

## **2.4 Amostragem**

O objeto de estudo da pesquisa divide-se em dois momentos: a formação do profissional de Geografia e a percepção e aprendizagem dos alunos em sala de aula, de acordo com um tema muito comum para o cotidiano de qualquer indivíduo da sociedade desde as séries iniciais de ensino: o Solo na Agricultura. Um assunto aparentemente comum, ao ser abordado seja em uma sala de aula de formação do profissional ou de uma sala de aula das séries iniciais.

Para chegar ao resultado final, necessitou-se, por meio de entrevistas realizadas à uma turma de alunos de licenciatura em Geografia, a coleta de informações de 24 alunos, que já haviam concluído 50% ou mais do curso e que representam a visão que o profissional em formação absorve no decorrer de sua caminhada, sobretudo a formação do profissional da área que está sendo desenvolvida na atualidade. Através desta pequena amostra, quando comparada com todo o território brasileiro, possibilita ao leitor e ao pesquisador uma noção da origem e do desencadeamento desta problemática tão presente na realidade de todo indivíduo, onde os cursos de licenciatura buscam por um ensino mais científico do que didático.

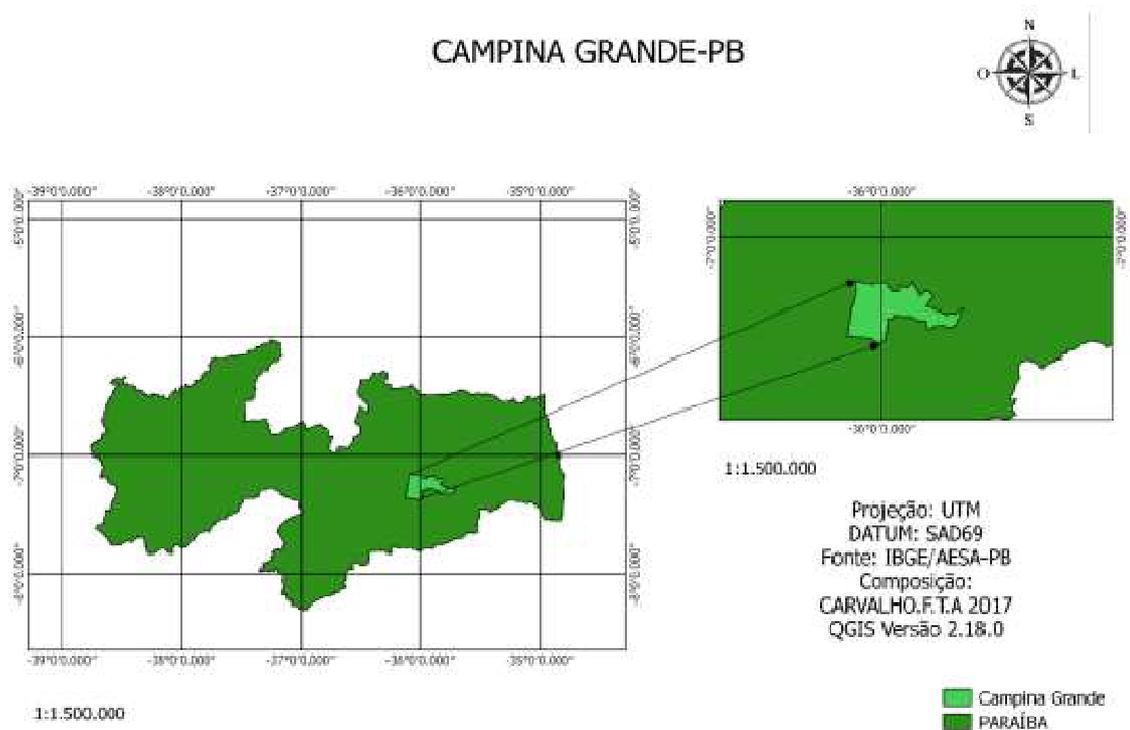
Como também por meio de entrevistas realizadas, informações concedidas por 79 alunos do Ensino Fundamental II, do 7º ao 9º ano, tendo em vista que estes alunos já tenham realizado algum estudo em sala de aula sobre o tema em destaque, objetivando-se então verificar a aprendizagem adquirida por eles após leitura e estudo do assunto, com alunos entre 12 e 16 anos de idade residentes da zona urbana, 41 dos alunos entrevistados distribuídos nas três turmas onde se realizou a pesquisa, como também da zona rural, 38 dos alunos entrevistados também distribuídos nas turmas fruto da pesquisa, cada um com sua particularidade social e familiar.

### 3. CARACTERIZAÇÃO GEOGRÁFICA DO ESPAÇO DA PESQUISA

#### 3.1 Localização e representação cartográfica

O estudo em questão realizou-se, num primeiro momento, no município de Campina Grande-PB (Figura 1) e o segundo momento ocorreu no município de Esperança-PB, Agreste paraibano, (Figura 2):

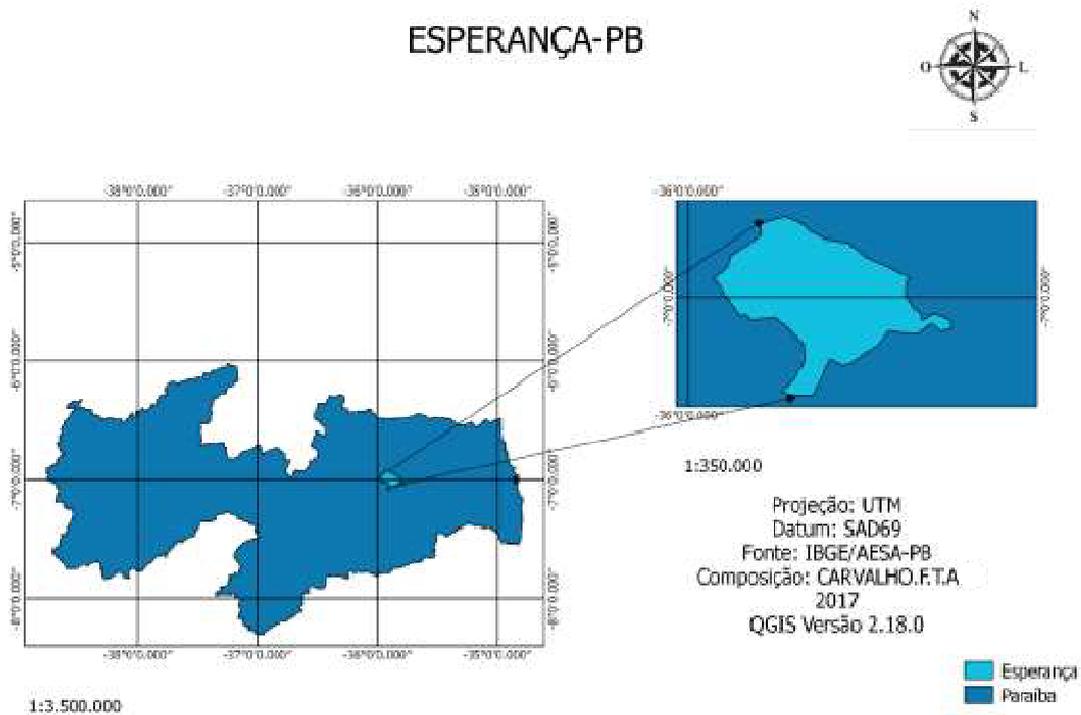
Figura 1: Mapa <sup>1</sup> da localização do município de Campina Grande-PB:



Fonte: Disciplina de Geoprocessamento da UEPB/DG/CG.

<sup>1</sup> A construção do mapa do município de Campina Grande-PB ocorreu mediante aulas práticas no Laboratório de Geoprocessamento e SIG/UEPB/DG/CG, utilizando o Qgis versão 2.18.0, sob orientação do professor mediador da disciplina.

Figura 2: Mapa<sup>2</sup> da localização do município de Esperança:



Fonte: Disciplina de Geoprocessamento da UEPB/DG/CG.

### 3.2 Caracterização física e ambiental

O primeiro local de pesquisa foi na Instituição de Ensino Superior da Universidade Estadual da Paraíba, campus I, em Campina Grande-PB, onde o curso de formação em Geografia conta com uma equipe de profissionais capacitados para realizar a formação dos alunos. O curso funciona nos períodos da manhã e da noite, com um público de alunos diferenciado em cada turno, de acordo com suas particularidades.

O curso conta com uma estrutura relativamente boa para se praticar parte das atividades relacionadas e indispensáveis a este curso. Com os laboratórios de Cartografia e Geomorfologia, Geologia, Sensoriamento Remoto e o laboratório de Estudos Geográficos, os estudantes da formação em Geografia têm a oportunidade

<sup>2</sup> A construção do mapa do município de Esperança-PB ocorreu mediante aulas práticas no Laboratório de Geoprocessamento e SIG/UEPB/DG/CG, utilizando o Qgis versão 2.18.0, sob orientação do professor mediador da disciplina.

de realizar a parte prática relacionada à teoria que cada um desses componentes têm a oferecer. O curso conta ainda com uma sala dos professores, onde os mesmos podem se reunir entre eles e para orientação de alunos.

São reservadas para o período da manhã e noite, horários que o curso funciona na Instituição, um total de nove salas de aula. Um espaço que proporciona aos profissionais formadores e em formação, um leque relativamente variado para se trabalhar dentro do Curso.

O segundo local de pesquisa foi na E.M.E.F. Olímpia Souto, em Esperança-PB, com a média de 730 alunos matriculados, onde 80% moram na zona urbana e 20% na zona rural. Trata-se de uma escola que detêm uma grande influência em seu município, devido aos profissionais que lecionam nela e a grande estrutura física que o colégio possui. A maioria das salas atendem ao número de alunos por turma de acordo com o espaço que ocupa. Funcionando em um Prédio próprio, água, energia elétrica da rede pública, rede de esgoto e coleta de lixo periódica

Possui um total de 13 salas de aula, onde para amostragem da pesquisa foi necessário apenas a aplicação do questionário em 3 das 13 salas de aula, que funcionam no turno da manhã (horário que foi realizado a pesquisa) e da tarde, além de uma estrutura que facilita o acesso de cadeirantes ao ensino. É uma escola bem equipada, com computadores administrativos, computadores para alunos, TV, equipamento de som, impressora, equipamentos de multimídia, DVD, copiadora e retroprojetor.

De acordo com dados do IDEB (2017) que é calculado com base no aprendizado dos alunos em Português e Matemática (Prova Brasil) e no fluxo escolar (taxa de aprovação), a E.M.E.F. Olímpia Souto, na segunda fase do Ensino Fundamental, obteve em 2015 o resultado de 4.3, não atingindo a meta que era de 5.1, que tem por valor de referência 6.0. A meta do IDEB para 2017 é que a escola chegue ao resultado de 4.9.

### **3.3 Aspectos sociais**

O curso de licenciatura em Geografia oferecido pela UEPB, campus I, recebe um corpo discente variado. Pode-se encontrar no curso alunos de municípios diferentes, de outros estados, de idades variadas e até alunos deficientes físicos, incluindo-os no meio acadêmicos sem que haja distinção social entre eles.

Uma vez por ano é realizada a Semana de Geografia, aberta ao público de outras IES a participarem, com apresentações de trabalhos nos mais variados eixos como palestras, mesa redonda, minicursos e momento cultural aos participantes. Um espaço proporcionado pelo curso para que se possa debater questões pertinentes a estes profissionais.

A E.M.E.F. Olímpia Souto, no município de Esperança-PB, proporciona a seu alunado eventos nos quais exploram a reflexão de cada indivíduo presente sobre seu entorno, e as situações cotidianas que dele fazem parte. A exemplo, em novembro de 2016, ocorreu na escola uma palestra nas turmas do 9º ano abordando sobre a Acessibilidade e a Inclusão Social, com intuito de sensibilizar a comunidade escolar quanto a importância de se respeitar os direitos das pessoas com deficiência.

Os professores envolvidos no projeto de Extensão “Acessibilidade e Inclusão Social: Teoria x Prática”, aproveitaram a oportunidade para distribuir a toda comunidade escolar uma cartilha que foi confeccionada com a intenção de abordar a temática, retratando aspectos históricos, tópicos da educação física inclusiva e fatores práticos da acessibilidade e Inclusão Social. Além desta palestra abordando a inclusão social de indivíduos com dificuldade de locomoção, no decorrer de cada ano letivo ocorrem gincanas com temas ligados às questões sociais.

## **4. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

### **4.1 A formação do profissional em geografia**

O exercício de formação de um profissional, seja de qual for a área, passa pelas mais diversas etapas, visando o objetivo que se relaciona a cada uma delas. O profissional no início da sua caminhada para moldurar-se, encontra-se em um momento decisivo da sua vida, pois o ofício que acabara de iniciar determinará a sua identidade, tanto pessoal quanto individual. Através da identidade formada, estas pessoas através dos saberes e fazeres existentes em cada profissão, passam a se situar no seio da sociedade, exercendo o seu ofício em suas oficinas determinadas (NETO, 2005).

A educação molda-se com base nos costumes patrióticos de cada país. O estado sempre buscou formar seu povo de acordo com interesses ligados ao capital, e a burguesia buscou a exigência da qualificação comprovada através de um diploma,

deixando assim as classes sociais menos favorecidas isentas do saber. Com isso, o ensino da Geografia passou a ser tratado de modo totalmente distorcido da realidade, passou a se ensinar a Geografia ligada aos interesses de terceiros, e não dos que realmente interessam: o professor e o aluno. O professor de Geografia se depara a cada instante com obstáculos que o impedem de tornar seus alunos criticamente ativos em meio à realidade social que os cerca. É repassado para os alunos um ensino geográfico distorcido do real, seja em uma IES ou no primeiro e segundo grau <sup>3</sup> de ensino (OLIVEIRA, 1998).

Na atualidade ao optar por seguir uma carreira como profissional da educação gera, entre o meio que este indivíduo esteja situado, certo desconforto com comentários descréditos do exercício de tão bela atividade tida como o alicerce da sociedade, afinal os profissionais das mais variadas áreas, desde a sua formação inicial, têm seus caminhos guiados pelo professor.

Os obstáculos que um professor depara-se em toda sua caminhada, estão presentes em todas as ciências, desde a Matemática à Geografia. O profissional de licenciatura em Geografia passa por uma formação onde há lacunas que o fazem encarar a sala de aula de um ambiente escolar com certa insegurança. Segundo Callai (2013, p. 115):

A formação do professor de Geografia deve estar referida a dois momentos: 1) habilitação formal; 2) a formação num processo. A primeira é restrita à duração do curso de licenciatura e apresenta as características da Instituição em que é realizado. A segunda é permanente e decorre do “pensar e teorizar a própria prática” e se insere na Integração do terceiro com o primeiro e segundo graus.

A habilitação formal, a qual Callai (2013) faz referência, aborda a maneira que cada Instituição de Ensino Superior realiza os cursos ligados à licenciatura. É notório no curso de licenciatura em Geografia, os profissionais que ali estão para formar profissionais na mesma área que a deles, acabarem puxando o ensino da Ciência Geográfica mais para área de pesquisa, pois procuram formar mais bacharéis em Geografia acabando por deixar um pouco para escanteio a formação docente para estes alunos, formação esta que os deixaria preparados para serem inseridos em salas de aula do primeiro e segundo graus.

---

<sup>3</sup> Estes termos não existem mais. Foi realizada uma reforma na educação em 2002 que o termo de primeiro grau passou a ser definido como Ensino Fundamental, do 1º ao 9º ano de ensino. Já o termo de segundo grau passou a ser definido como o Ensino Médio.

Os conteúdos que são abordados nas IES encontram-se dissociados daqueles levados para sala de aula. A linguagem utilizada com os alunos acadêmicos em Geografia é diferente daquela que pode ser utilizada em uma sala de aula do primeiro e segundo graus. Com isto, a Geografia passa a ser vista como mais de uma: aquela vista em IES e aquela levada para salas de aula. Há outra forma de se trabalhar a Geografia, e não uma outra ciência com a mesma titulação.

O professor de uma IES pública tem sua formação voltada para área da pesquisa, tornando-o um Geógrafo com bases na “Geografia-pura”. Enquanto nas IES privadas, a formação do professor em Geografia se inverte, a maior preocupação torna-se em formar profissionais preparados para o ofício no Ensino Fundamental e Médio, surgindo assim uma preocupação pertinente: o quê e como ensinar esta disciplina?

“[...] Além disso, muitas vezes os conteúdos ensinados em muitas faculdades espalhadas pelo país, coincidem apenas com aqueles que o livro didático propõe sendo estas as referências bibliográficas desses cursos de nível superior”. (OLIVEIRA *apud* DEON; SILVEIRA; PAIM, 2012, p.138). Os profissionais de IES públicas encontram dificuldade com a dinâmica presente em uma sala de aula do ambiente escolar, enquanto os profissionais de IES privadas travam por não compreender à fundo qual a melhor forma de se trabalhar os mínimos de conteúdos pertinentes à disciplina.

Em seus estudos, Callai (2013) refere-se ainda à formação do professor enquanto um processo, o qual o profissional deve avaliar constantemente sua prática em sala de aula. O professor em Geografia ao deparar-se com o cotidiano de uma sala de aula, deve buscar as melhores maneiras de inserir o ensino dentro do cotidiano, fazendo-se valer dos saberes empíricos dos seus alunos, os conteúdos abordados na disciplina.

O professor, antes de tudo, deve começar o diálogo com os seus alunos mostrando que eles não são vazios de saber, que antes mesmo de frequentar a escola já leva consigo um conhecimento prévio do que vem a ser a Geografia. Torna-se essencial haver uma interligação entre a realidade do aluno com o conteúdo abordado. O educador da área da Geografia tem muito a explorar do ambiente cotidiano, tanto dele quanto dos seus alunos. Ao compreender o assunto ligando à sua realidade, o professor terá proporcionado ao aluno um aprendizado mais prazeroso e de fácil compreensão, deixando-o mais instigado e faminto pelo saber.

Ao aprofundar o estudo da Geografia torna-se notório o grande desafio em que o profissional da área passará a encarar.

Todo mundo acredita que a Geografia não passa de uma disciplina escolar e universitária, cuja função seria a de fornecer elementos de uma descrição do mundo, numa certa concepção “desinteressada” da cultura dita geral... Pois, qual pode ser de fato a utilidade dessas sobras heteróclitas das lições que foi necessário aprender no colégio? (LACOSTE, 2010, p. 21).

Nota-se na afirmação de Lacoste, que a Geografia é vista com uma verdade defasada da sua real utilidade. Uma disciplina ampla e que tem tudo aquilo que a cerca ao seu favor para enriquecer ainda mais o seu estudo. Na época em que Lacoste dirige esta afirmação (final do século XIX a 1970), baseia-se na “Geografia dos professores” que de certa forma é a responsável pelos estereótipos dados à Geografia, onde não era estudado a geografia como um todo, e sim partes dela, como a memorização de regiões, clima, vegetação, relevo, entre outros. Lacoste (2010, p. 176) ainda afirma que:

Para os geógrafos, essa crise da Geografia, seu descrédito, parecem negativos, isso parece marcar o fim do seu papel; essa forma cega de denegrir é particularmente sensível e penosa para os que dentre eles ensinam a Geografia nos colégios e liceus. E, no entanto, essa crise da geografia pode ter efeitos extremamente positivos e não somente para os geógrafos.

A crise da Geografia, na qual Lacoste (2010), ao analisar toda a caminhada de um professor da área, demonstra está presente nas lacunas que a formação do licenciando em Geografia depara-se no decorrer de sua caminhada. Com a desvalorização, ainda mais presente na atualidade do professor, torna-se comum profissionais desta área, mesmo os que se encontram ainda em formação, desacreditados da profissão que decidiram seguir, e que mais na frente quando concluírem sua formação, não irão seguir carreira, ou permanecerão “Condenados” a continuarem insatisfeitos a seguirem uma carreira profissional na qual não sentem-se pertencentes dela. Cada um tem suas particularidades que os fazem seguir estes caminhos.

#### 4.1.1 Importância das práticas didático-pedagógicas e metodológicas no ensino da Geografia:

Não se pode fazer dissociação do conhecimento pedagógico, disciplinar e específico da disciplina que leciona. Cada disciplina carrega consigo as mais variadas formas de abordagens dos conteúdos nelas trabalhados. O professor de Geografia detém com maior influência a abordagem dos seus conteúdos pegando como ponto de partida o conhecimento/saber que cada aluno traz em sua bagagem de vida, em sua história, realizando assim uma articulação entre o contexto sociocultural que o aluno encontra-se inserido, possibilitando que os alunos intercalem o seu cotidiano aos conteúdos vistos em sala de aula.

Callai (2013), expõe que a ciência Geográfica, vista nas IES privada ou pública, e a Geografia ensinada nas salas de aula do primeiro e do segundo graus, pode e deve ser construída uma ponte entre elas, na qual juntas haverá um fortalecimento ímpar da Geografia como um todo e, conseqüentemente, trazendo melhorias significativas para o processo de ensino-aprendizagem de cada aluno, seja de IES ou do primeiro e segundo graus.

Nos cursos de licenciatura em Geografia, as práticas didático-pedagógicas e metodológicas ocorrem, por excelência, através de componentes que têm por objetivo o estudo do cotidiano da sala de aula, de maneira que o profissional em formação de Geografia possa partilhar seus conhecimentos na disciplina com uma linguagem apropriada à realidade dos seus alunos.

Relatos de pessoas que iniciaram o curso de licenciatura em Geografia e que a partir do momento que teve o seu primeiro contato com a sala de aula, desistiu de seguir adiante, tornou-se algo comum e presente nas discussões acadêmicas, onde os porquês de sua desistência encontra-se cada vez mais evidente. Para eles, a teoria é dissociável da prática, pois o pouco tempo que passou no processo de formação do professor, não lhe foi direcionado caminhos a seguir para construção de uma ponte entre a teoria e a prática da Geografia.

Com isto, o papel do estágio nos cursos de licenciatura, passa a desempenhar uma eficácia imprescindível para quebrar este paradigma da teoria versus prática. De acordo com Pimenta e Lima (2011, p. 41) “[...] a dissociação entre a teoria e prática [...] resulta em um empobrecimento das práticas nas escolas, o que evidencia a necessidade de explicitar por que o estágio é teoria e prática (e não teoria ou prática)”.

Para compreender um fato educativo, bem como a interação para que seja permitida a construção e reconstrução de experiências resultantes na realização significativa da aprendizagem, Novak (1998 *apud* CALLAI 2013), elabora um quadro

com cinco elementos que permitem a realização deste fato: o aprendiz, o professor, o conhecimento, a avaliação e o contexto. Ao apresentar esta ideia, o autor demonstra pretender que o ensino seja visto como um desafio a ser superado diariamente, onde a educação bancária (criticada por Paulo Freire [1987]), seja superada, tomando por pressuposto a relação da teoria com a prática.

O saber e o fazer passam a caminhar lado a lado, em prol da ênfase no processo de ensino-aprendizagem. Callai (2013), ao justificar a importância das práticas didático-pedagógicas e metodológicas, faz uso do quadro dos elementos constituintes do processo educativo, proposto por Novak (1998 *apud* CALLAI 2013). Callai (2013), acrescenta um outro elemento básico, primordial para o processo de formação do professor: o como fazer, que se constitui a partir da interação entre processos de aprendizagem e formação.

Nos elementos apresentados por Novak (1998 *apud* CALLAI 2013), intitulam como o *aprendiz* o profissional/aluno do curso de formação em professores de Geografia, analisando os interesses e as expectativas deles no decorrer do curso.

O *professor*, que tem por responsabilidade a estruturação do trabalho que desempenhará para formar profissionais na área. Ao investigar/avaliar o modo no qual desenvolve a sua prática e os conteúdos da sua área de conhecimento, cientes da metodologia utilizada, o professor pode tornar possível o seu ofício sob perspectiva de um professor-pesquisador

O *conhecimento*, referente aos conteúdos aplicados nos cursos de formação, onde passa, por vezes, a ser feito a dissociação entre a Geografia: aquela aprendida na IES e aquela levada para as salas de aula.

O *contexto* que se divide e se complementa de duas formas distintas: o contexto institucional, onde o ensino se manifesta e o contexto escolar, advindo da importância de ensinar a partir daquilo que o aluno tem por conhecimento prévio, fruto do seu cotidiano, fazendo-se valer da escala local/global.

A *avaliação*, como análise do objetivo que alcançou durante todo o processo de ensino. Ela permite que o indivíduo verifique se ocorreu ou não a aprendizagem do aluno, como também se auto avaliar enquanto profissional.

E por fim, o *como*, proposto por Callai (2013), que diz respeito às estratégias utilizadas para poder realizar o ofício da sala de aula por meio de comprovações que tornem possível a aprendizagem.

A formação do professor de Geografia pode ser pensada como um processo que permita um olhar para o passado e a partir dele entender as relações do presente, com um olhar espacial. Para isso, é possível a partir de uma formação específica e continuada tornar os conhecimentos significativos e contextualizados (CALLAI apud DEON; SILVEIRA; PAIM 2013 p.106).

#### 4.2 O choque da realidade com o cotidiano da sala da aula

Os cursos de Licenciatura, em geral, preparam seus alunos para que ao chegarem em 50% concluídos do curso, possam ter o seu primeiro contato com a prática, com a realidade que encontrará e vivenciará em seu dia-a-dia enquanto profissional já formado. É neste momento que surge os seguintes questionamentos na mente de cada indivíduo: “Por que resolvi tornar-me um professor?”; “Será que estou na profissão certa?”. O papel social desta profissão, de acordo com Neto (2005), é o de ensinar e/ou dar-lhes direcionamentos para aquilo que o outro indivíduo ainda não saiba ou não compreenda o verdadeiro significado daquilo que sabe.

Nos dias atuais, e também remotos, costuma-se ver depoimentos de pessoas que afirmam ter optado por esta profissão justamente por saber que ela detém de um grande papel dentro da sociedade, de poder passar para o seu próximo um pouco daquilo que sabe. O papel e o lugar social do professor ganham destaque na vida pessoal e profissional de cada ser humano. Uma pessoa aprende a ler, escrever e contar por intermédio de um professor cujo ofício é ensinar. Os profissionais da educação, por intermédio da sala de aula, tiveram e têm grande responsabilidade sobre os destinos que a sociedade tomou e toma (NETO, 2015).

Ao encarar a realidade que a sala de aula proporciona, a desvalorização do ensino nos dias atuais anda lado a lado com a desvalorização de uma profissão tão bela, marcante e essencial na identidade moldurada pela sociedade. O profissional em educação mediante as situações cotidianas, acomodam-se nesta profissão que descobriu não se identificar. Neto (2005, p. 257), esclarece que:

Esse olhar depreciativo da profissão proporciona uma certa *desidentificação* com o que se faz e gera, não raro, a elaboração de uma identidade negativa. Na desidentificação o processo é de estranhamento, posto que as pessoas ao não se verem no que fazem, não o fazem como sendo coisa sua. Na elaboração de uma *identidade negativa* gesta-se um autopreconceito

vitimador, como se ser professor fosse a última maneira de garantir uma sobrevivência indigna.

Pimenta e Lima (2008, p.45) fazem as seguintes indagações: [...] o que se entende por realidade? Que realidade é essa? Qual o sentido dessa aproximação? O aproximar-se seria uma observação minuciosa ou a distância? Estas indagações feitas pela autora passa a ideia já formulada nos consentimentos da importância de transferir os elementos vistos na teoria dentro da sala de aula da universidade para a sala de aula do nível Fundamental e até no Médio. É importante que o estudante de Licenciatura faça uma observação minuciosa sobre cada elemento que o acompanhará durante seu cotidiano após sua formação e com isto deixá-lo mais preparado para enfrentar os obstáculos que esta profissão oferece.

O profissional em formação ao ter seu primeiro contato com a sala de aula sente um impacto imediato e inevitável com a realidade encontrada, tendo em vista a dissociação presente entre a Geografia vista na IES e aquela levada para sala de aula (teoria x prática). Falta uma maior e melhor preparação do licenciado para poder ter este contato. Abandono de curso tornou-se algo comum e presente nos cursos de licenciatura, não apenas no de Geografia, quando não, acaba se formando profissionais frustrados, insatisfeitos em seu ofício, descréditos no futuro de uma sociedade que não valoriza seus mestres. Os currículos de formação têm-se constituído em um aglomerado de disciplinas isoladas entre si, sem qualquer explicitação de seus nexos com a realidade que lhes deu origem (PIMENTA; LIMA, 2008).

Do que adianta aprender que a folha de uma árvore é verde se nunca a viu e/ou pegou em uma? Do mesmo modo na questão das práticas docentes, se o profissional em formação ler em textos que a realidade escolar funciona de maneira “x” ele precisa ir ao encontro desta realidade se certificar se realmente funciona deste modo, para que não ocorra um choque de realidade, acarretando nas problemáticas ocorrentes na profissão docente. No decorrer da formação do professor, ele é direcionado a realizar estágios em diferentes escolas.

O aluno de Licenciatura ao chegar no estágio para adquirir ainda mais conhecimento da realidade que o espera, observar não é suficiente para total aprendizado desta realidade. O aluno deve na medida em que observa aulas de outros professores, buscar para si elementos bons que caracterizam a aula e o professor no

qual ele está observando e com isto absorver apenas aquilo que na sua visão acha importante e buscar inovar aquele modelo observado, para quando estiver no estágio da regência poder executar um pouco do aprendizado observado e analisado no seu primeiro contato. Segundo Pimenta e Lima (2008, p.35):

Nem sempre o aluno dispõe de elementos para ponderação crítica e apenas tenta transpor os modelos em situações para as quais não são adequados. Por outro lado, o conceito de bom professor é polissêmico, passível de interpretações diferentes e mesmo divergentes.

Aos alunos que optam por permanecer na profissão, seja por qual for o motivo, tendem a construir sua identidade profissional com base de exemplos dos professores, da sua formação inicial à formação acadêmica, que lhe serviram como verdadeiros espelhos.

#### 4.2.2 O uso das categorias geográficas, paisagem e espaço, no cotidiano escolar

De acordo com a BNCC *apud* MEC (2015) “Como ciência, a Geografia se tornou um campo de saber interessado nas inter-relações dinâmicas entre elementos humanos e não humanos, materiais e imateriais, em sua distribuição pelo mundo, o que constitui o espaço geográfico, em construção constante”. Para que se tenha uma análise significativa sobre estas inter-relações o aluno e o professor deve antes de tudo inserir estas dinâmicas dentro do espaço construído pelo ser humano, considerado como categoria central da Geografia, possibilitando ao indivíduo uma compreensão detalhada do que se deseja estudar dentro desse espaço.

O espaço é uma categoria geográfica onde se estuda ramificações, tal como a paisagem, que vêm sofrendo bruscas transformações com o decorrer dos tempos. Estas transformações variam de acordo com cada região, seja de um elemento da cultura característico da sociedade nela existente ou de elementos naturais compostos naquela paisagem. O ser humano a cada instante se adapta ao meio no qual exerceu sua força braçal para transformá-lo. O espaço acaba tornando-se produto social, onde o indivíduo o adapta de acordo com suas necessidades, como também uma forma de dimensão de ser social, onde o indivíduo passa a se interagir com os demais.

Segundo Corrêa (2007, p.57) “A sociedade concreta cria seu espaço geográfico para nele se realizar e reproduzir, para ela própria se repetir. Para isto cria formas

duradouras que se cristalizam sobre a superfície da Terra”. Estas cristalizações impostas pelos seres humanos são delimitadas de modo a separar diferentes povos, cada qual com seu modo de viver, produzir e se reproduzir. Países, regiões, estados, cidades, bairros e ruas são resultantes destas delimitações. Ao deter-se no estudo do ambiente escolar ligando à realidade do aluno é possibilitado um conhecimento um pouco aguçado sobre o tema trabalhado, como a questão do solo.

Podem-se notar dois tipos distintos de espaço: o natural e o artificial. Natural por não ter sofrido nenhuma ação do ser humano e acaba tornando-se objeto de disputas socioeconômicas, enquanto o artificial sofre diretamente com essa ação. Ao analisar a paisagem notam-se características dessas duas tipologias, tornando-a ainda mais heterogênea como a região, mesmo assim para distingui-las a olho nu há certa dificuldade. Para Santos (1988, p. 61) “Paisagem é tudo aquilo que nós vemos o que nossa visão alcança.” Acompanha o indivíduo onde quer que ele vá, até onde o domínio visual dele alcança. Assim como o território, ela sofre ações diretamente e indiretamente da sociedade. Na maioria dos conceitos, acerca da paisagem, liga ela apenas à visão do indivíduo, mas ao analisar melhor, nota-se que ela não se encontra ligada unicamente à visão daquele momento real na qual a observa.

Ele nota então que na paisagem não existem apenas elementos fixos e até mesmo estes fixos sofrem mudanças com o decorrer dos tempos e para que possamos analisá-los basta pegar uma fotografia de como era determinado local há dez anos e comparar com a atualidade, notará o quão bruscas foram estas transformações. Ao levar este pensamento para abordagem do ensino dos solos em sala de aula o aluno deve ter em mente o seu significado para a partir dele perceber a importância que compreender este assunto tem para o seu viver e da realidade que o cerca.

#### 4.3 Concepções sobre o conceito e importância do solo

Dentre os recursos naturais de maior importância ao meio ambiente, encontra-se o solo. “O solo é o sustentáculo da vida e todos os organismos terrestres dele dependem direta ou indiretamente. É um corpo natural que demora para nascer, não se reproduz e “morre” com facilidade”. Assim como os demais recursos naturais, o indivíduo na maioria das vezes não tem noção da importância que aquele meio possui

para sociedade em geral e como fazer para preservá-lo (MELO; LIMA; LIMA ,2007, p.01).

O solo é considerado uma camada da superfície terrestre formado por aglomerados minerais, pequenos fragmentos de material orgânico e inorgânico que o protege dos fatores externos, tornando-o dinâmico. A região Nordeste do Brasil é diversificada de forma natural e ambiental, com um enfoque na variedade de solos com finalidades distintas, tais como: agricultura, pastagem, produção da matéria-prima e conservação dos recursos naturais, sobretudo para permanência da fertilidade do solo.

Considerado um corpo terrestre dentro da dinâmica da Terra, para que ocorra a formação do solo é necessário a presença de cinco fatores externos: clima, relevo, material de origem, tempo cronológico e organismos. Diferentes fatores que ao se unirem contribuem para o desenvolvimento deste meio natural considerado também como habitável para micro-organismos que participam de modo direto na dinâmica do solo, de como a contribuir para sua fertilidade, além de servir como alicerce para o crescimento vegetal (JATOBÁ; LINS; SILVA, 2014).

O solo é dividido em camadas chamadas de horizontes, onde cada uma delas é composta por diferentes materiais, iniciando seu processo de formação a partir da rocha “mãe” que quando exposta na superfície terrestre sofre diretamente com as ações dos agentes do clima, precipitação e temperatura, que ao agir com a rocha provoca seu intemperismo, possibilitando assim a formação concreta dos demais horizontes com suas particularidades de acordo com a região na qual ele se encontra, chegando ao perfil do solo disposto de modo vertical que varia na quantidade dos horizontes (LIMA; LIMA; MELO, 2007).

Tornou-se comum em sala de aula os alunos dirigirem o seguinte questionamento ao professor: “Para quê aprender isso, professor? Eu não vou usar isso em minha vida”. O aluno ao estudar sobre a influência que o Solo tem no Meio Ambiente, a ocupação, alteração e produção sob este espaço, lhe será possibilitado construir uma ponte entre o conhecimento visto em sala de aula e aquele que faz parte do seu cotidiano, podendo enxergar que o Solo, da sua formação desde a utilização para Agricultura, encontra-se presente nos mínimos detalhes do dia-a-dia.

#### 4.3.3 O livro didático e sua utilização para abordagem de um conteúdo tão presente na vida cotidiana do aluno

O Estado sempre buscou formar seu povo de acordo com interesses ligados ao capital, e a burguesia buscou a exigência da qualificação comprovada através de um diploma, deixando assim as classes sociais menos favorecidas isenta do saber. Com isso, o ensino da Geografia passou a ser tratado de modo totalmente distorcido da realidade, passou a se ensinar a Geografia ligada aos interesses de terceiros, e não dos que realmente interessam: o professor e o aluno.

O professor de Geografia se depara a cada instante com obstáculos que o impedem de tornar seus alunos criticamente ativos em meio à realidade social que os cerca. É repassado para os alunos um ensino geográfico distorcido do real. Entende-se como sendo uma “viseira” que aqueles que formulam as leis, impõem sobre nós, professores, fazendo-nos repassar os conteúdos para os nossos alunos, de modo programático e muitas vezes distorcido do seu real sentido, permitindo que o aluno entenda uma Geografia totalmente adversa daquela que o cerca. Esta “viseira” é mais conhecida como “Livro didático”.

O livro didático tornou-se a “bíblia” dos professores e nem sempre as editoras colocaram no mercado livros com um mínimo de seriedade e veracidade científicas. A grande maioria contém erros grosseiros, cuja identificação certamente daria para escrever um livro (OLIVEIRA, 1998, p. 137)

Com este comodismo perante o livro didático, o professor acaba se transformando em um mero robô que reproduz somente o que lhe é imposto, desde o período militar, fazendo perder a visão da real Geografia que os cerca e ao mesmo tempo privando os seus alunos desta realidade. É evidente o grande problema no qual todo profissional em formação de Geografia encontrará a partir do momento que assumir uma sala de aula: saber ligar a Geografia produzida na universidade àquela Geografia que se deve ensinar para que os alunos a compreenda de modo real, simplório e tornando-os seres criticamente pensantes.

Os livros didáticos são vistos pela população em geral como uma publicação de segunda categoria, conseqüentemente o seu valor para uma biblioteca e acervos para a ser cada vez mais menosprezados, sendo deixado em locais inapropriados para que assim sejam “esquecidos”. Munakata (2003 *apud* ALBUQUERQUE.org 2011) esclarece que:

No Brasil, o desprestígio dos livros didáticos foi sobredeterminado pela conjuntura do período militar, iniciado em 1964. Em meio à imposição de reformas educacionais, os livros didáticos foram identificados como suportes da ideologia oficial.

A construção de um livro didático molda-se sob diversos fatores o que influencia para distribuição no país, tornando-se mais uma mercadoria do que um objeto de auxílio à construção da educação da população de diferentes épocas, tendo em vista que os livros devem ser renovados depois de certo tempo, já que as pessoas a cada época demonstram ter diferentes modos de pensar, decorrente das situações que o meio social os cerca.

A Geografia é uma ciência muito ampla em meio social, e com isto cabe ao professor que não é refém de uma “viseira” (o livro didático) buscar que seus alunos compreendam um pouco de cada área ligada a Geografia. A Geografia é uma ciência que para análise dos seus elementos no âmbito escolar torna-se necessário a utilização de recursos didáticos que melhor detenham a atenção do aluno para o assunto em sala abordado. Os Recursos didáticos surgiram devido a necessidade de tornar as aulas em especial a de Geografia mais estimulantes com o intuito de manter o alunado na sala e produzir meios que auxiliem na aprendizagem tornando as aulas mais prazerosas. Vieira e Sá (2007, p. 101), esclarece que:

Todo professor sempre segue um método de ensino. Para ensinar deve haver um método, mesmo que este seja simples. O método diz respeito à “forma” como se pretende trabalhar um “conteúdo para atingir um objetivo. O método inclui a escolha de recursos mais simples e antigos que o professor tem utilizado. O professor tem liberdade e ao mesmo tempo uma responsabilidade muito grande na escolha da forma para melhor atingir os objetivos propostos.

Para Vieira e Sá (2007, p. 102) “A aula dinâmica, que tem a participação do aluno como sujeito na construção partilhada do conhecimento, pode ser bastante produtiva porque o aluno está motivado a buscar as informações e comprometido com as análises para comprovar seus argumentos”. Nas escolas públicas há uma precariedade que afeta direta e indiretamente o ensino nesta abordagem e o professor ver-se obrigado a inovar em suas aulas tradicionais para que seja alcançado no aprendizado dos alunos os objetivos desejados. Poder levar o aluno à aprendizagem do conteúdo abordado em sala ligado à realidade depende muito da maneira que se trabalha, independentemente do recurso disponível, para tornar sua aula dinâmica.

Na Base Comum de ensino (2015), um dos objetivos a serem aplicados no 6º ano do Ensino Fundamental na sua dimensão formativa O lugar e o mundo: “Caracterizar a diversidade territorial brasileira, relacionando-a ao seu lugar de vivência”. Para que o ensino acerca dos solos aconteça satisfatoriamente, torna-se necessário que o docente conscientize seus alunos sobre a importância que este meio detém na vida de todos, inclusive na vida dele, de modo a levá-lo a disseminar o aprendizado adquirido em sala para indivíduos que os cerca cotidianamente, conscientizando-os da importância natural e social do solo para todos.

Nos livros didáticos o conteúdo de Solos é abordado com maior precisão nos livros da disciplina de Ciências e quando o assunto é abordado nos livros da disciplina de Geografia, traz apenas um conceito afunilado e por vezes equivocados sobre o assunto em destaque, quando não abordado em poucas linhas ao trabalhar com a questão da Agricultura propriamente dita. Para Silva, Falcão e Sobrinho (2008, p. 104):

É notória a deficiência com que é abordado o estudo do solo na disciplina de Geografia no ensino fundamental II (5º a 8º séries<sup>4</sup>), quando deveria ser o contrário, pois são nas séries desses ciclos, em especial na primeira série do terceiro ciclo (5º série) que por determinação dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) tem que serem abordados os assuntos inerentes à natureza. No entanto, o que se observa são uma deficiência e um tratamento incipiente, até mesmo a ausência desse conteúdo nos livros utilizados muitas vezes, como o único referencial pelos professores nessa etapa do processo pedagógico.

No livro didático escrito por Melhem e Sergio Adas (2015), intitulado de Expedições Geográficas, do 6º ano do Ensino Fundamental, o mesmo utilizado pelos alunos estudantes da escola fruto da pesquisa, aborda sobre o conteúdo de Solos dentro do conteúdo relacionado à Agricultura. Não que um assunto esteja completamente dissociado do outro, mas que para poder compreender os processos presentes na Agricultura, torna-se necessário conhecer o Solo, onde serão plantados os alimentos essenciais na Agricultura. Melhem e Sergio Adas (2015) aborda em

---

<sup>4</sup> Não se refere mais ao Ensino Fundamental utilizando os termos “séries” e sim anos, como por exemplo: do 5º ao 8º ano do Ensino Fundamental. De acordo com a Resolução SE Nº 81, de 16-12-2011

poucas linhas, a importância que o Solo tem para Agricultura, uma abordagem correta, mas que para um aluno do Ensino Fundamental torna-se de difícil compreensão, tendo em vista que há termos desconhecidos por eles.

Solo, Clima e Relevo são elementos essenciais para o bom funcionamento de uma área agrícola, ambos estão interligados. Os autores ao abordarem estes conteúdos de modo dissociados, não permitem que os alunos associem estes conteúdos como sendo parte de todo um ciclo. O profissional em Geografia deve ter consigo o pensamento de que pode sim utilizar o livro didático e ao mesmo tempo ir em busca de outras referências, para assim ampliar os horizontes do saber de seus alunos e não apenas multiplicar a “viseira” do conhecimento afunilado.

#### 4.4 A abordagem da BNCC para as séries do Ensino Fundamental II em Geografia

A Base Nacional Comum Curricular, prevista na Constituição para o Ensino Fundamental e ampliada no Plano Nacional de Educação para o Ensino Médio, visa o melhoramento e aprimoramento da educação básica para todos, em um país que a educação carece por melhorias. A BNCC permite o acesso à comunidade, acadêmica e da sociedade como um todo, possibilitando ao leitor o entendimento de dois rumos importantes nela abordados: a mudança de figura da formação inicial e continuada dos professores e as mudanças significativas que aplicadas no material didático, agregando a ela elementos que permitam o melhor desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem (BNCC *apud* MEC,2015).

Dentre os princípios orientadores presentes na BNCC, que a Secretaria de Educação Básica visa, em atendimento ao Plano Nacional de Educação e em conformidade com as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Básica, dá seguimento aos processos de elaboração da BNCC de modo que a sociedade possa realizar consultas antes de ser submetida ao Conselho Nacional de Educação: desenvolver, aperfeiçoar, reconhecer e valorizar suas próprias qualidades, prezar e cultivar o convívio afetivo e social, fazer-se respeitar e promover o respeito ao outro, para que sejam apreciados sem discriminação por etnia, origem, idade, gênero, condição física ou social, convicções ou credos (BNCC *apud* MEC,2015).

Com base neste princípio posto pela BNCC, nota-se a presença forte do objetivo por ela posto, que é o de possibilitar que o indivíduo saiba como melhor agir

durante o seu percurso de aprendizagem e desenvolvimento ao de toda a sua caminhada, que construirá toda a identidade, profissional, pessoal e social do indivíduo, pressupostos essenciais a serem levados em consideração pelo professor de Geografia no cotidiano da sala de aula.

A Geografia é considerada uma ciência que ocorre mediante inter-relações dos indivíduos com elementos vivos e não vivos, distribuídos no espaço geográfico de modo a modificá-lo constantemente de acordo com as características de vivência da sociedade que nele reside. Em âmbito escolar os professores se deparam um com impasse diário “como estimular meu aluno a querer aprender determinado conteúdo?” Para que isto ocorra é necessário levar o conteúdo abordado em sala primeiramente para realidade que cerca o aluno, para que assim lhe seja possibilitado compreender o assunto de uma maneira global.

Esta Geografia divide-se em quatro partes formativas do sujeito enquanto agente modificador do espaço: o indivíduo e as cristalizações no espaço, os caminhos por ele percorridos, as diferentes linguagens nas diferentes localidades e a participação do indivíduo em processos espaciais dinâmicos. A abordagem da Geografia no Ensino Fundamental, em suas séries iniciais, permite ao estudante experimentar o espaço de vivência, a enxergar este espaço com um olhar diferenciado. Partindo do pressuposto da escala local/global, a BNCC traz para o aluno de Geografia do Ensino Fundamental a construção de uma zona de conforto em sala de aula, onde o aluno poderá associar os conteúdos abordados pelo livro didático e pelo professor ao seu cotidiano familiar e social.

Compreender o espaço de vivência, possibilitar que o aluno seja detentor de um olhar geográfico do meio que o cerca, tornando-o um ser pensante/ativo em meio social, direciona-os para objetivos ainda maiores e complexos dentro do processo de ensino da Geografia, ciência esta que ultrapassa as fronteiras das paredes de uma sala de aula.

Com foco da abordagem da Geografia no Ensino Fundamental voltado para compreensão do aluno acerca do meio que o cerca, vale mencionar a importância de abordar a cada início de assunto, as categorias geográficas que melhor se encaixem dentro do tema abordado em sala. É necessário que o indivíduo saiba observar e identificar elementos tanto naturais quanto físicos no meio em que ele convive para que desta forma entenda como ocorre à formação do espaço. Para Callai (2009, p.

84) “[...] entender o que acontece no espaço onde se vive para além de suas condições naturais ou humanas”.

Considerar o conhecimento prévio do aluno torna-se uma chave essencial para o desenvolvimento do ensino-aprendizagem em sala de aula, dos conteúdos ligados à Geografia. Ao considerar o conhecimento prévio do aluno pode-se utilizar uma ponte para o conhecimento mais concreto nas aulas metodológicas, desta forma o aluno irá se sentir mais motivado a buscar novos saberes. O professor passa a encaminhar o aluno a pensar, recriar e criar elementos do mundo onde se vive.

## **5. RESULTADOS E DISCUSSÕES**

As lacunas presentes tanto na formação do profissional em Geografia quanto na abordagem de assuntos no cotidiano escolar pertinentes ao meio social que estes profissionais realizem após sua formação, torna-se evidente a cada dia.

O profissional de Licenciatura em Geografia acaba transferindo para sala de aula a Ciência Geográfica e não a Geografia escolar, necessária para o processo de ensino-aprendizagem dos alunos nas séries iniciais de sua formação, tendo em vista que segundo Lacoste (2010, p. 226): “[...] a Geografia é, para a maioria das pessoas, e notadamente para os intelectuais, sinônimo de disciplina chata, inútil e na comunidade científica ela é objeto de polida indiferença ou de uma indagação de sua razão de existir”.

O aluno em seus anos iniciais do ensino ou em sua formação acadêmica, sente-se mais confortável com o ambiente de uma sala de aula onde os debates acerca dos assuntos abordados façam ligação com o seu cotidiano familiar e social, para assim poder construir uma ponte entre os saberes científicos e empíricos dessas abordagens realizadas.

Na disciplina de Geografia, os temas abordados encontram-se direta e indiretamente presentes no meio social de cada indivíduo, a exemplo do Solo: o que é? Para que serve? Qual a melhor forma de cuidar dele? Qual importância desempenha no Meio Ambiente? São questionamentos que os alunos e o professor deveriam realizar em sala de aula ao estudar sobre um tema tão rico para o cenário passado e presente da população mundial, como um todo.

A abordagem deste assunto em sala de aula levanta os mais variados questionamentos, quando se trabalhado de forma a levar o cotidiano do aluno para

debates no decorrer da aula. Para se trabalhar estes conteúdos, tão presentes no meio social e familiar, em Escolas Públicas, torna-se um desafio diário devido à escassez de recursos didáticos presentes no ambiente escolar. Para Piletti (2007, p. 68) “Os recursos didáticos são componentes do ambiente da aprendizagem que dão origem a estimulação para o aluno.”

Esta pesquisa teve como foco principal a análise da visão que profissionais em formação do curso de Geografia têm acerca da dissociação de conteúdos estudados na instituição acadêmica com aqueles que irão abordar em sala de aula ao concluir a sua formação ou até mesmo no decorrer dela. Além da análise da aprendizagem absorvida pelos alunos do 7º ao 9º ano do Ensino Fundamental II, após estudos realizados no 6º ano série inicial da segunda fase do Ensino Fundamental, na qual os assuntos abordados nos livros didáticos referem-se diretamente à Geografia, dita física e social.

Para obter uma análise detalhada sobre a formação do profissional em Geografia, o professor. A primeira etapa da pesquisa ocorreu no campus I da UEPB. Foram entrevistados um total de 24 alunos do Curso de Geografia que já haviam, preferencialmente, concluído 50% do total de tempo do Curso. Os entrevistados têm uma faixa etária entre 20 e 53 anos, cada um com sua particularidade envolvendo a temática fruto da pesquisa. Dos entrevistados, 13 residem no município sede da UEPB, em Campina Grande, 10 residem em municípios vizinhos, e 1 em outro Estado, sendo preciso realizar o percurso à UEPB diariamente.

Ao realizar a análise dos relatos que estes profissionais fizeram, por meio do questionário aplicado, notou-se certo desestímulo por parte de cada um, embora identificando-se com o Curso, onde ao ingressarem a este mundo acadêmico onde espera direcionamentos que os levem para a finalidade que têm um Curso de Licenciatura: lecionar; deparam-se com um ensino encaminhando-os para a pesquisa do Bacharel. De acordo com um dos profissionais em formação entrevistados: “a formação de professores em Geografia na UEPB tem um caráter de bacharelado e não de um Curso de Licenciatura”, afirmou o aluno de formação de 30 anos de idade, residente no município de Pedra Lavrada-PB.

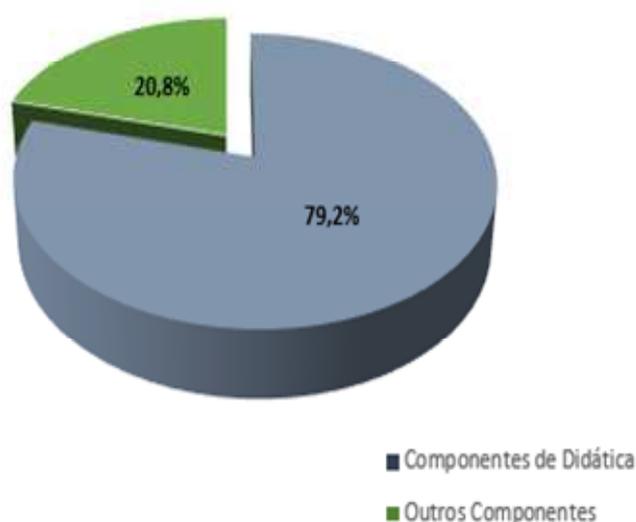
Os componentes do Curso que abordam os conteúdos que levam a Geografia, de certo modo, para o âmbito da pesquisa, são fundamentais no Curso de Licenciatura, porém há necessidade da construção de uma ponte do saber, feita pelo professor formador de profissionais em Geografia, que possibilite a esses novos

profissionais a utilizar em sala de aula do Ensino Básico dentro da Geografia, os conteúdos abordados e intitulados como sendo apenas da área da pesquisa, chamada por muitos como a área física, e assim fazer valer de uma linguagem acessível aos alunos.

Com as inovações tecnológicas da atualidade, acessível para qualquer público, sobretudo ao professor, pode-se encontrar meios que permitem o docente inovar sua metodologia em sala de aula, com mais dinâmica e trazer, de algum modo, a realidade do entorno social e familiar do aluno para sala de aula. O Plano Nacional de Educação (2001) já previa que os cursos de formação deveriam contemplar, dentre outros itens, “o domínio das novas tecnologias de comunicação e da informação e capacidade para integrá-las à prática do magistério” (PNE apud PAIVA, 2013).

Os entrevistados foram questionados acerca da visão que têm sobre quais disciplinas durante sua formação, até o momento que encontra-se no Curso, possibilitou a construção e à visão da realidade enfrentada no cotidiano escolar, (Figura 3).

Figura 3: Gráfico da realidade escolar vista nos componentes do curso de formação profissional.



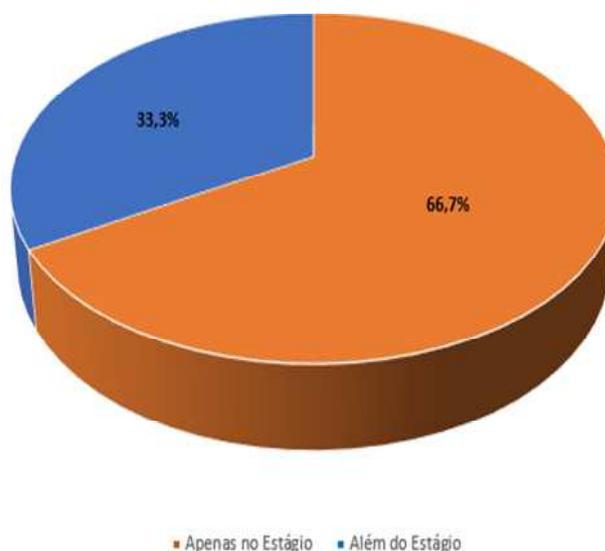
Ao analisar o gráfico, pode-se verificar que 79,2% dos alunos relataram que apenas através das disciplinas de didática puderam ter uma ideia de como funciona a realidade em sala de aula e 20,8% viram esta realidade em outras disciplinas, além

daquelas ligadas à Didáticas através de meios didáticos de aplicar a Geografia vista na IES à Geografia vista no Ensino Básico, a exemplo da disciplina de Pedologia, Biogeografia, Geografia Urbana e Geoprocessamento, fundamentais para compreensão que cada cidadão deve ter do seu entorno, seja social ou familiar.

Muito se debate, em disciplinas ligadas à prática docente meios que buscam preparar o aluno para ser inserido em sala de aula, *a priori* nos períodos do Estágio. Os objetivos e finalidades propostos no Estágio Supervisionado, de fato possibilita ao aluno uma boa experiência da sala de aula, mas com o cenário atual do país onde manifestos em prol de greve por busca de direitos e, sobretudo, valorização do professor, torna o período do Estágio tão limitado que muito pouco o profissional em formação absorve da vivência.

Os entrevistados foram questionados a realidade, a vivência, até o dado momento do Curso que eles adquiriram como experiência na formação, tanto nos Estágios oferecidos pela Instituição quanto por oportunidades adversas (Figura 4).

Figura 4: Gráfico da realidade escolar que os entrevistados têm por experiência.



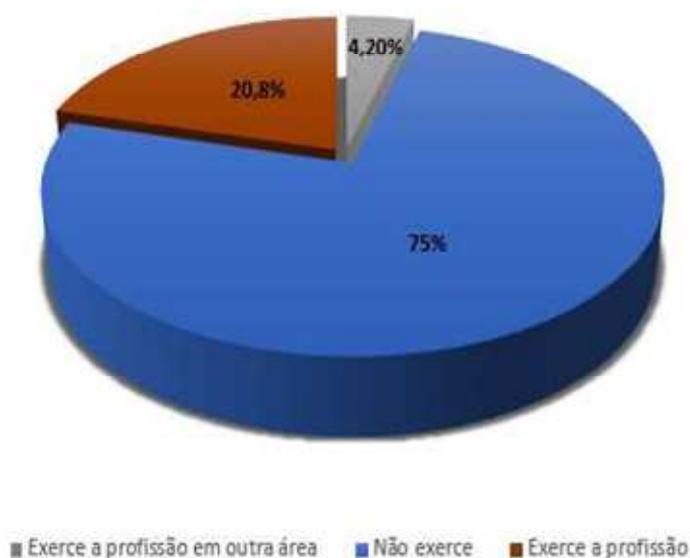
Como pode-se analisar no gráfico, apenas 33,3% dos alunos entrevistados adquiriram experiência da docência além do período que passou no componente do Estágio contra 66,7% daqueles que adquiriram vivência, mesmo que em um curto período, no Estágio, inclusive um aluno concluinte, dado preocupante, tendo em vista

o choque com a realidade que este levará ao encarar cotidianamente a realidade da sala de aula do Ensino Básico.

A realidade dos alunos do Curso de Licenciatura em Geografia da UEPB, para poder realizar o Curso são distintas, dentre elas, há aqueles alunos que passam o decorrer do dia trabalhando, em uma área totalmente oposta da docência, para poder dar sustento a sua família, e à noite estão exaustos para assistir aulas no Curso. Mesmo assim não desistem. Entretanto uma preocupação vem à tona: será que estes profissionais, ao concluir a formação, pretendem seguir carreira na docência? Muito se é relatado no decorrer do Curso, por profissionais que após formação guardam seu diploma e optam por outra área.

Os profissionais em formação entrevistados relataram ainda se exercem a docência na área do Curso de Geografia ou em demais áreas (Figura 5).

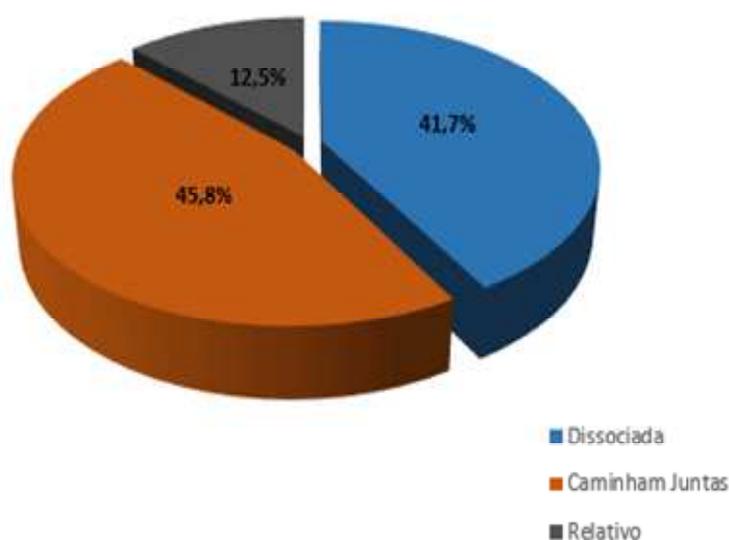
Figura 5: Gráfico mostrando o exercício da docência do profissional em formação.



Como é possível verificar no gráfico, apenas 20,8% deles exercem a docência, enquanto 75% não e 4,2% deles relatam exercer a docência, mas em áreas distintas à Geografia, mostrando por meio deste questionamento o desestímulo que têm acerca da profissão, ocasionando em profissionais frustrados com o ato de ensinar. Como abordado na fase inicial da problemática desta pesquisa, o profissional em formação do Curso de Licenciatura em Geografia encontra dificuldades e incertezas que o fazem repensar se esta é a profissão correta a seguir para vida.

Os alunos entrevistados demonstraram em suma maioria que por mais que seja complicado a ligação com a realidade do cotidiano escolar, encontram, embora de maneira afunilada, certa relação entre a teoria e a prática. Como mostrado na Figura 6.

Figura 6: Gráfico sobre a opinião do profissional acerca da teoria versus a prática na IES.



Verificando o gráfico é possível analisar que 12,5% dos entrevistados relatam ser algo relativo, pois o bom sucesso da ponte entre a teoria e a prática dependerá de fatores internos e externos das salas de aula da IES, a exemplo da boa relação da turma com o professor e deste com a turma. Por maior que seja a dificuldade do profissional em formação do curso de licenciatura em Geografia em encontrar a ponte que liga a teoria com a prática, é de fundamental importância que este profissional da área busque meios que o faça quebrar este paradigma; onde 45,8% dos entrevistados mostraram encontrar o porquê da teoria não pode ser desvinculada da prática; enquanto 41,7% encontram-se na busca por respostas que desmistifiquem que a teoria vista na IES não o prepara para prática.

Esta desconfiguração entre teoria e prática, influencia mesmo que de modo indireto, na visão que o profissional de Geografia, o professor, ficará após concluir. As teorias nas quais estão em evidência hoje em dia são provas de determinados eventos ocorrentes no espaço social, que pode ou não modificar-se com o decorrer dos

tempos. O profissional a compreender esta importância, passará a entender o verdadeiro sentido presente no Curso. Segundo Pimenta e Lima (2011, p.43):

[...] o papel das teorias é iluminar e oferecer instrumentos e esquemas para análise e investigação que permitam questionar as práticas institucionalizadas e ações dos sujeitos e, ao mesmo tempo, colocar elas próprias em questionamento, uma vez que as teorias são explicações sempre provisórias da realidade.

Através de conversas informais e questionamentos realizados, estes profissionais entrevistados relataram um pouco da sua visão acerca do Curso de Licenciatura em Geografia que é oferecido pela UEPB, o modo no qual estes profissionais enxergam a preparação que lhes é oferecida para o exercício da realidade do cotidiano escolar. Nota-se na fala de cada um o desejo de levar a Geografia, os conteúdos que fazem parte do entorno do indivíduo, para além das quatro paredes da sala de aula.

Os profissionais em formação entrevistados relatam que o curso de formação em Geografia é muito bom, mas que poderia melhorar, sobretudo com abordagens que os levam a enxergar a verdadeira vivência em sala de aula. Nota-se uma percepção por esses alunos de que a Geografia na qual eles estudam nos anos de formação, os preparam mais para linha de pesquisa do que para sala de aula. Alguns componentes no decorrer do Curso cumprem esse papel, sobretudo os que são ligados à área da docência, mas os demais componentes não lhes oferecem este direcionamento, tendo em vista a importância que todas as áreas ligadas à Geografia têm para realidade do cotidiano, social e familiar, do indivíduo.

De acordo com um aluno de 25 anos de idade, residente no município de Solânea-PB, ao ser questionado sobre o modo no qual ele analisa o Curso e se este o prepara para a realidade no Ensino Básico, afirmou: “Pode-se dizer que é um curso bastante proveitoso, mas poderia ser melhor se tivesse mais dinâmicas entre algumas disciplinas que parecem ser isoladas. Acho que existe sim um preparo para o cotidiano, mas que não o suficiente (SIC)”. Relatou o estudante do Curso de formação.

A Geografia é uma ciência muito presente no meio do indivíduo e ao estudá-la não deve-se de modo algum tratá-la indissociável da outra, a exemplo da dita Geografia Física e Geografia Humana. Nota-se uma dissociação não apenas no que se diz respeito a teoria e prática, como também dos conteúdos no Curso abordados.

Estudar a Geografia é estudar o espaço como um todo, só que em momentos separados fazendo uma ponte entre eles. O Espaço é uma categoria geográfica onde se estuda ramificações tais como Território, Paisagem e Lugar que veem sofrendo bruscas transformações com o decorrer dos tempos, mas que encontram-se interligados.

“Espaço é lugar quando se leva em conta que está em estreita correspondência com o social, com o vivido, gerando significado para as pessoas; é também o espaço visível, repleto de componentes humanos, como uma casa, um bairro, e/ou componentes naturais, formando as paisagens; por meio da política o espaço se transforma em território de variados contornos e concepções ideológicas; e, por fim, é também no espaço que se imbricam os campos físico e humano que constituem as regiões”. (PEREIRA, 2012, p. 31)

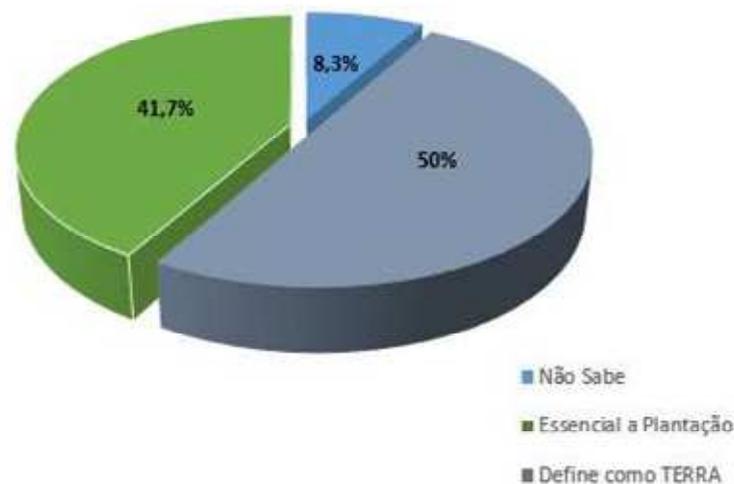
Ao analisar a aprendizagem dos alunos acerca do conteúdo de Solos, uma preocupação inicial surgiu: alguns alunos residentes na zona rural do município, relataram, por meio de conversa informal, que não faziam a mínima ideia do significado de Solo e tampouco a sua aplicabilidade na Agricultura e que, conseqüentemente, nunca pararam para questionar os pais sobre o porquê e qual a finalidade do manuseio da “terra”. O que leva um morador adolescente da zona rural não questionar os porquês e para que seus pais trabalham com a “terra”?

É presenciando situações como esta que fica ainda mais evidente as lacunas presentes no processo de ensino-aprendizagem, que não busca construir uma ponte entre o saber científico e o saber empírico, para assim despertar no aluno o sentimento de prazer em poder compreender aquilo que está à sua volta. Estes alunos que relataram não ter a curiosidade em compreender o meio que vivem, ao serem estimulados a questionar mais os elementos e as práticas presentes neste meio, passarão a ter uma visão mais ampla e um pensamento crítico sobre o ambiente familiar e social que o cerca.

Na turma do 7º ano, de um total de 21 alunos participantes da entrevista, com idade entre 12 e 15 anos, 12 são residentes da zona rural e 09 da zona urbana do município de Esperança, área da pesquisa. Os alunos da zona rural, ao serem questionados sobre o conceito de Solo, de acordo com a visão destes, demonstraram uma percepção abstrata sobre o assunto, embora que eles compreendem que para a plantação ter bons resultados, é necessário que o Solo esteja bem cultivado, porém com a visão limitada, estes alunos não buscam aprofundar o seu entendimento.

. A pergunta inicial a ser abordada com os alunos os levou a questionar o significado de um elemento tão presente em seu entorno e que pouco sabe dele, mesmo residindo na zona rural (Figura 7).

Figura 7: Gráfico sobre o conceito de Solo de acordo com os alunos da Zona Rural, turma 7º ano.

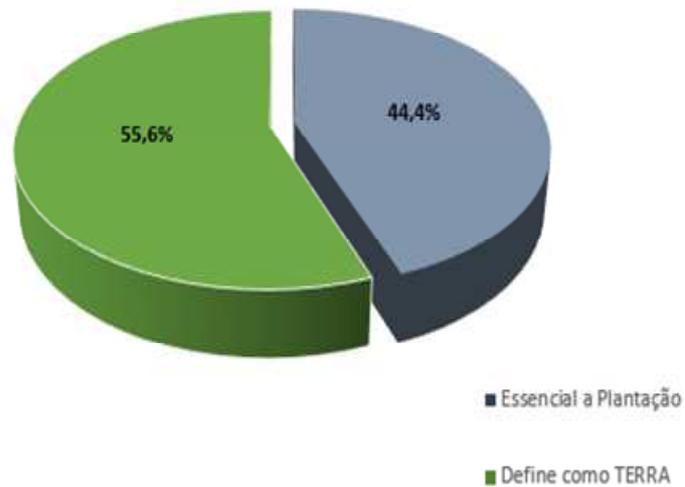


Como pode-se analisar, o gráfico mostra que de um total de 12 alunos da turma do 7º ano que residem na zona rural, 50% compreendem que o Solo é um elemento importante para o processo da plantação de cultivos agrícolas, porém não entendem o porquê desta importância; o porquê de ser um elemento tão influente neste processo. Ao definir o Solo como sendo “terra”, 41,7% dos alunos demonstraram entender o porquê da importância do Solo para Agricultura, embora utilizando de uma definição ainda vaga do conceito questionado e 8,3% não souberam opinar.

Ao ser questionada sobre a importância que o Solo tem para o Meio Ambiente, uma das alunas do 7º ano respondeu: “É que no solo que se planta para nossa alimentação, além de preservar ele, o bom cuidado com o solo faz as plantas crescerem, facilitando com que o meio ambiente fique em harmonia com tudo que o cerca (SIC)”, possibilitando-nos enxergar que é possível um aluno da fase do Fundamental conhecer e cuidar deste meio que tanto faz bem para tudo que cerca o ser humano.

Os alunos da zona urbana, demonstraram ser detentores de um conhecimento abstrato, tão quanto os da zona rural, ao serem questionados sobre o significado de Solo (Figura 8):

Figura 8: Gráfico sobre o conceito de Solo de acordo com os alunos da Zona Urbana, turma 7º ano.

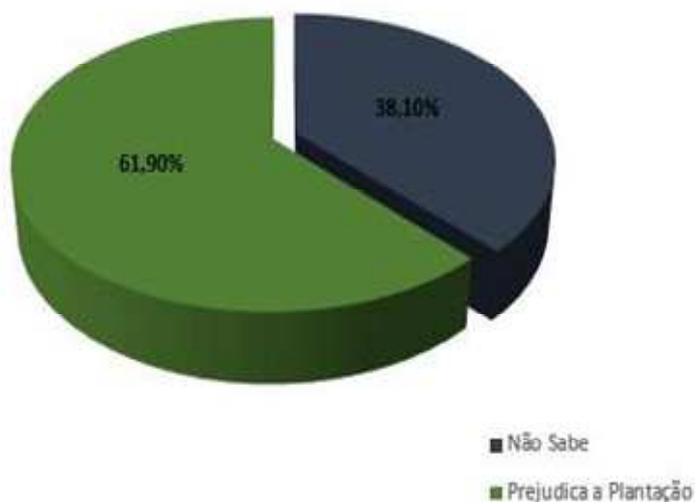


Como pode-se analisar, o gráfico mostra que de um total de 09 alunos da turma do 7º ano que residem na zona urbana 44,4% compreendem que o Solo é um elemento importante para o processo da plantação de cultivos agrícolas, porém não entendem o porquê desta importância, o porquê de ser um elemento tão influente neste processo. Ao definir o Solo como sendo “terra”, 55,6% dos alunos demonstraram entender o porquê da importância do Solo para Agricultura, embora utilizando de uma definição ainda vaga do conceito questionado.

O saber limitado que os alunos do 7º ano demonstraram acerca do entendimento do que vem a ser Solo torna-se preocupante. Para os estudantes desta turma, o conteúdo fruto da pesquisa no ano que antecedeu a série presente e por isto estes alunos deveriam compreender melhor o conceito e a importância desempenhada do Solo com o Meio Ambiente.

Os alunos do 7º ano ao responderem quais as consequências que o uso incorreto do solo acarreta ao Meio Ambiente, Figura 9, ficou evidente a falta da abertura do leque de conhecimentos e saberes em sala de aula que faça ligação com a realidade pelo aluno vivenciada. Compreendem que o Solo desempenha um papel de suma importância para a natureza e conseqüentemente para Agricultura, mas não sabem quais consequências que o uso incorreto do mesmo pode trazer ao meio que vive.

Figura 9: Gráfico sobre a visão dos alunos do 7º ano acerca das consequências do mal uso do Solo.



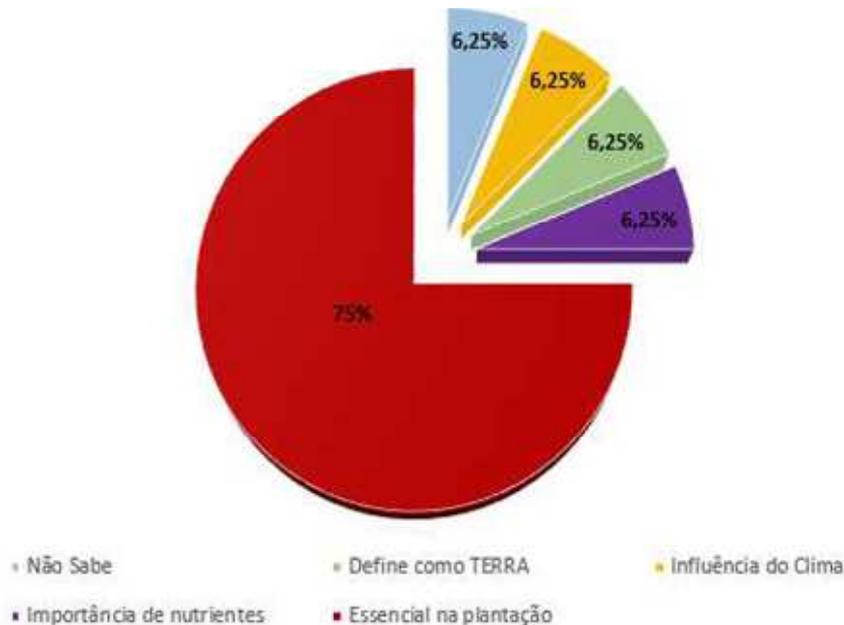
Ao analisar o gráfico, acerca da visão dos alunos sobre o uso incorreto do Solo, observa-se que 38,1% dos alunos, incluindo as zonas rural e urbana, disseram não saber quais as consequências acarretadas; enquanto 61,9% demonstraram que, o mau uso do Solo a plantação enfraquece prejudicando assim a produção da Agricultura, afetando de modo direto nos alimentos postos à mesa.

Na turma do 8º ano, de um total de 33 alunos participantes da entrevista, com idade entre 12 e 14 anos, 16 são residentes da zona rural e 17 na urbana do município em estudo, Esperança. Os alunos da zona urbana, ao serem questionados sobre o conceito de Solo de acordo com a visão destes, demonstraram uma percepção abstrata sobre o assunto, bem como os alunos da zona rural do 7º ano, porém um elemento a mais ganhou destaque com esta turma.

Um aluno da zona rural outro aluno da zona urbana relaciona o conceito do Solo com a influência que o clima exerce sob ele e com isso demonstraram que ampliaram o leque de seus conhecimentos, sem limitar-se apenas a sala de aula. Os solos desenvolvem-se em função da interação do clima, organismos, relevo, material de origem e tempo.

A perguntada inicial a ser abordada, também no 8º ano, com os alunos os levou a questionar o significado de um elemento tão presente em seu entorno e que pouco sabe dele, mesmo residindo na zona rural (Figura 10).

Figura 10: Gráfico sobre o conceito de Solo de acordo com os alunos da Zona Rural, turma 8º ano.

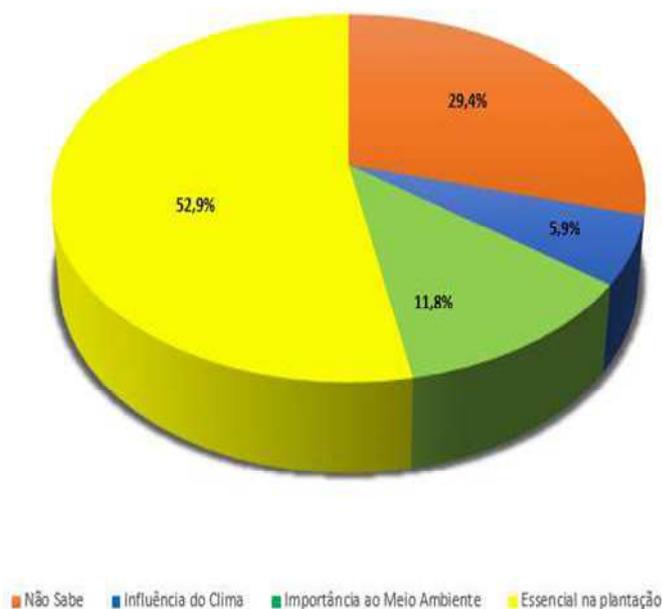


Ao analisar o gráfico mostra que de um total de 16 alunos da turma do 8º ano que residem na zona rural, 75% compreendem que o Solo é um elemento importante para o processo da plantação de cultivos agrícolas; 6,25% o definiram como “terra”; 6,25% relatou que o clima encontra-se diretamente relacionado ao conceito e formação do Solo; 6,25% afirmaram que a presença de nutrientes no Solo é importante no seu conceito e 6,25% não souberam opinar.

Nota-se que os alunos residentes da zona rural demonstraram um interesse maior acerca do meio que o cerca, tendo em vista que mais da metade ressaltaram a importância que o bom uso do Solo traz à plantação e que tão fortemente encontra-se presente na mesa e nos arredores da vida cotidiana destes indivíduos.

Os alunos da zona urbana, ao serem questionados sobre o conceito de Solo, de acordo com a visão de cada um, Figura 11, bem como os da zona rural, demonstraram que embora detentores de um saber um tanto quanto abstrato, certa porcentagem da turma demonstrou que possuem um leque mais amplo diferente do que um professor pode proporcionar em sala de aula.

Figura 11: Gráfico sobre o conceito de Solo de acordo com os alunos da Zona Urbana, turma 8º ano.



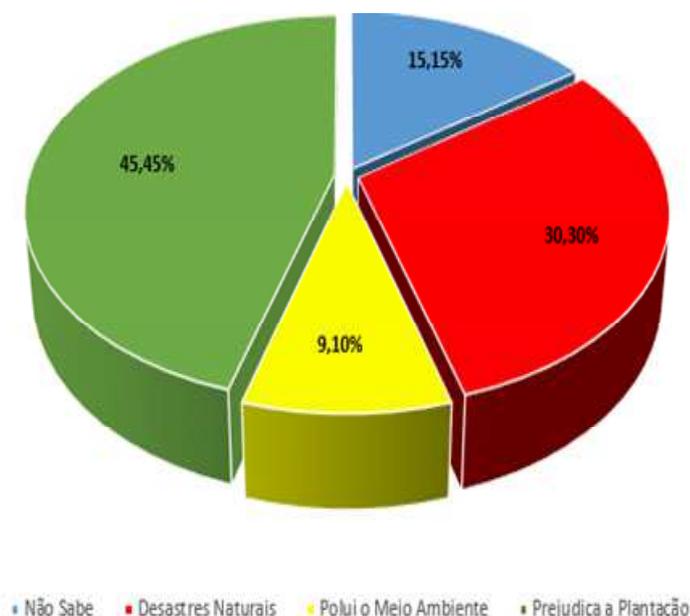
Como pode-se analisar na Figura 11, o gráfico mostra que de um total de 17 alunos da turma do 8º ano que residem na zona urbana, 52,9% compreendem que o Solo é um elemento importante para o processo da plantação de cultivos agrícolas; 5,9% demonstrou que o clima é parte influente na formação e preservação do Solo; 11,8% ressaltaram da importância que o Solo desempenha no Meio Ambiente, e 29,4% não souberam opinar.

Os alunos do 8º ano ao responderem quais as consequências que o uso incorreto do Solo acarreta no Meio Ambiente demonstrou um leque mais amplo de entendimento, tendo em vista que associaram os desastres naturais e a poluição como efeito negativo do mau uso do Solo.

Demonstraram ainda que compreendem que o solo desempenha um papel de suma importância para o meio ambiente e conseqüentemente para agricultura.

Os alunos do 8º ano ao responderem quais as consequências que o uso incorreto do solo acarreta ao Meio Ambiente, Figura 12, um saber pouco mais abrangente do meio que o cerca, questionando-se qual a finalidade de determinadas ações, dos seres humanos, alterando o meio que os cerca.

Figura 12: Gráfico sobre a visão dos alunos do 8º ano acerca das consequências do mal uso do Solo.

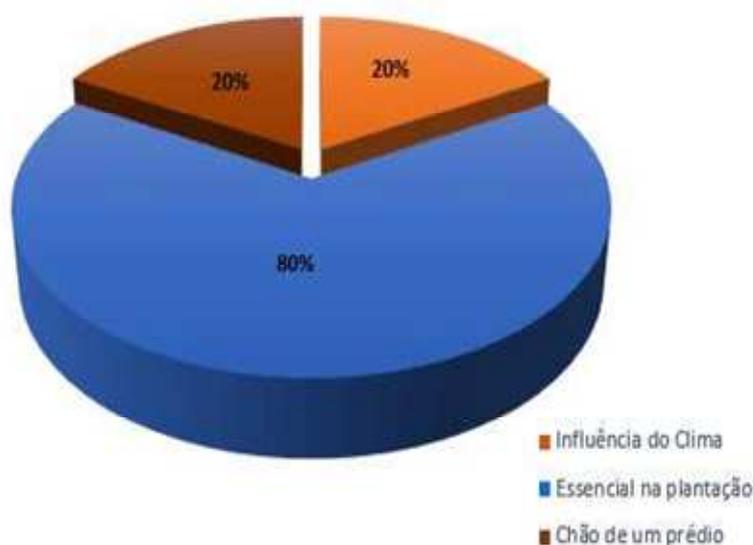


Ao analisar o gráfico acerca da visão dos alunos sobre o uso incorreto do Solo, observa-se que 15,15% dos alunos, incluindo zona rural e urbana, disseram que não sabe quais as consequências acarretadas; enquanto 45,45% demonstraram que com o mau uso do Solo a plantação é a mais afetada. A questão da poluição ao Meio Ambiente foi citada por 9,1% dos alunos presentes, bem como 30,30% deste aluno ressaltaram que com o mau uso do Solo, desastres naturais, como erosão dos Solos e escassez da água, encontram-se diretamente ligados ao mau uso deste bem comum.

Na turma do 9º ano, de um total de 25 alunos participantes da entrevista, com idade entre 13 e 16 anos, 10 são residentes da zona rural e 15 da urbana do município em estudo, Esperança. Os alunos da zona urbana, ao serem questionados sobre o conceito de Solo de acordo com a visão deles, demonstraram uma percepção abstrata sobre o assunto, bem como os alunos da zona rural do 7º e 8º anos, porém um elemento a mais ganhou destaque com esta turma do mesmo modo que ganhou na turma do 8º ano, alunos da zona urbana e rural relacionaram o conceito do Solo com a influência que o clima exerce sob ele demonstrando um trilhar maior de conhecimentos adquiridos.

A perguntada inicial a ser abordada, também no 9º ano, com os alunos os levou a questionar o significado de um elemento tão presente em seu entorno e que pouco sabe dele, mesmo residindo na zona rural (Figura 13).

Figura 13: Gráfico sobre o conceito de Solo de acordo com os alunos da Zona Rural, turma 9º ano.



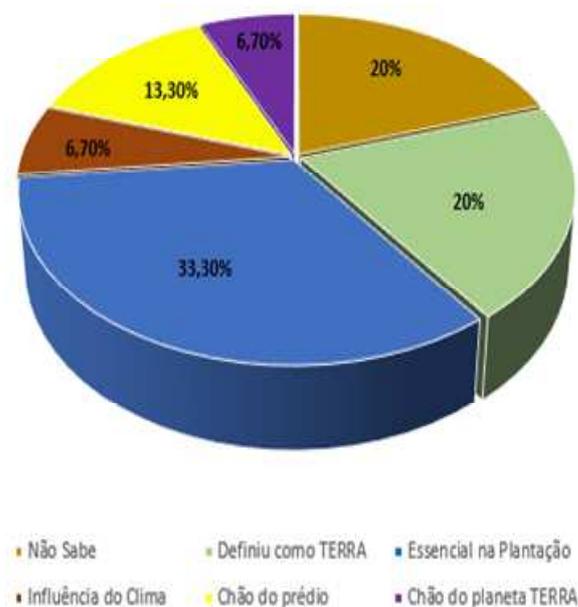
Ao analisar o gráfico percebe-se que de um total de 10 alunos da turma do 9º ano que residem na zona rural 80% compreendem que o Solo é um elemento importante para o processo da plantação de cultivos agrícolas, 10% relataram que o clima encontra-se diretamente relacionado ao conceito e formação do Solo e 10% definiram como sendo o “chão” de um prédio, mesmo residindo na zona rural estes alunos demonstraram uma capacidade afunilada de transportar conteúdos vistos em sala de aula pra sua realidade, realidade a qual seria mais comum estes alunos definirem o Solo como “terra”.

Nota-se que a maioria dos alunos residentes da zona rural demonstraram um interesse a mais acerca do meio que o cerca, tendo em vista que mais da metade ressaltaram a importância que o bom uso do Solo traz à plantação, tão fortemente presente na mesa de arredores deste indivíduo

Os alunos da zona urbana, ao serem questionados sobre o conceito de Solo de acordo com a visão de cada um, (Figura 14), bem como os da zona rural, demonstraram que embora detentores de um saber não tão amplo, certa porcentagem

da turma possuem um leque diferenciado do que um professor pode proporcionar em sala de aula. Não pode-se esperar um conceito completo do aluno do ensino básico, mas através de elementos chaves para compreensão do conceito pode-se analisar com maior eficácia o nível de percepção do aluno, das turmas do 7º, 8º e do 9º ano.

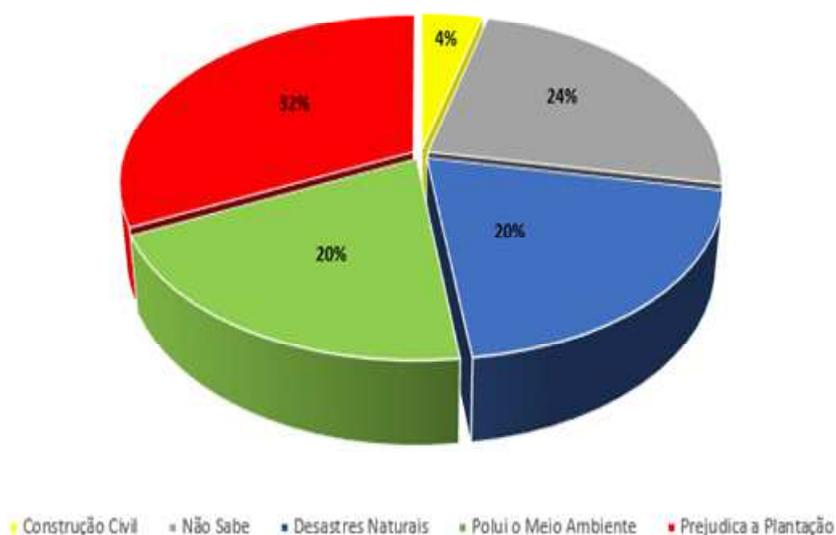
Figura 14: Gráfico sobre o conceito de Solo de acordo com os alunos da Zona Urbana, turma 9º ano.



Como pode-se analisar na figura 14, o gráfico mostra que de um total de 15 alunos da turma do 9º ano que residem na zona urbana, 33,3% compreendem que o Solo é um elemento importante para o processo da plantação da agricultura, 6,7% demonstrou que o clima é parte influente na formação e preservação do Solo; 20% definiram como “terra”; 13,33% como o chão de um prédio; 20% não souberam e 6,7% o definiu como sendo o “chão” da Terra.

Os alunos do 9º ano ao responderem quais as consequências que o uso incorreto do Solo acarreta no Meio Ambiente (Figura 15) demonstrou um leque mais amplo de entendimento, embora parte desses alunos não souberam opinar acerca do questionamento, tendo em vista que associaram os desastres naturais e a poluição como efeito negativo do mau uso do Solo, além da associação da influência ímpar que este elemento detém na Agricultura.

Figura 15: Gráfico sobre a visão dos alunos do 9º ano acerca das consequências do mal uso do Solo.



Ao analisar a Figura 15 do gráfico acerca da visão dos alunos sobre o uso incorreto do Solo, observa-se que 24% dos alunos, incluindo zona rural e urbana, disseram que não sabem quais as consequências acarretadas, enquanto 32% demonstraram que com o mau uso do Solo a plantação é mais afetada. A questão da poluição ao Meio Ambiente foi citada por 20% dos alunos presentes, bem como 20% destes alunos ressaltaram que com o mau uso do Solo, desastres naturais, como erosão dos Solos e escassez da água, encontram-se diretamente ligados ao mau uso deste bem comum e 4% ressaltou no prejuízo à construção civil.

Ao realizar uma análise geral das respostas que os alunos do 7º, 8º e 9º ano deram para os questionamentos abordados, nota-se a carência de entendimento que os alunos, sobretudo da zona urbana, detêm de um assunto de grande influência no meio que o cerca. Das três turmas, a turma do 7º ano torna-se mais preocupante. Quais associações estes alunos estão realizando aos conteúdos vistos em sala de aula com o meio que o cerca? Nenhuma! Ao não possibilitar que o aluno construa uma ponte entre a sala de aula e o meio social e familiar que convive, o professor estimula a disseminação de uma das “n” frases comuns do dia-a-dia do professor em sala de aula: “Professor(a)! pra quê aprender isso se não vou usar mesmo?”

A não construção da ponte da sala de aula com a realidade do aluno acaba formando um ser que pouco pensa, que muito pouco aprende. Alguns alunos de ambas as turmas, sobretudo do 7º ano, relataram não recordar sequer se estudou

este assunto e se estudou, não se lembra da disciplina, se de Geografia ou Ciências, tornando o conteúdo algo decorado com fins específicos (passar na disciplina) e sem serventia para a vida.

Um assunto que tão brilhantemente encaixa-se no meio de cada indivíduo em sociedade, aqueles indivíduos que tem a presença deste elemento mais fortemente em suas casas acabam tornando os menos detentores do conhecimento acerca da importância que desempenha na vida em sociedade. Ao se estudar o conteúdo de Solos se faz necessário destacar, de maneira dinâmica e integrada aos elementos presentes na paisagem, paisagem esta que vai muito além das paredes de uma sala de aula.

### 5.1 Trazendo uma parcela da realidade para o cotidiano escolar

Propõe-se que os profissionais da área de licenciatura em Geografia, esteja ainda em formação ou não, que busquem meios de poder abrir o leque dentro da sala de aula. Por situações adversas a alternativa de se realizar aula de campo, seja na IES ou no Ensino Básico, acaba ficando em último plano, embora sendo uma atividade primordial a se utilizar para obter um resultado significativo da aprendizagem, tendo em vista que,

A aula de campo vai desenvolver o papel primordial para o melhor entendimento dos conteúdos trabalhados em sala através da observação direta, levando em consideração os temas que foram abordados, sejam físicos (geomorfologia, geologia, vegetação) ou humanos (aspectos sociais, econômicos, políticos), mas sempre contextualizando esses temas, mostrando a importância da preservação ambiental sendo o aluno, produtor e reproduzidor do seu espaço vivido. (BARBOZA; RODRIGUES, 2016, p. 02).

Se não há possibilidade de levar os alunos para o campo, para assim desenvolver um melhor entendimento dos conteúdos abordados, o professor junto com seus alunos pode trazer uma parcela da realidade para sala de aula, seja ela de Instituição de Ensino Superior ou da Educação Básica, pegando-se como foco o assunto destacado na pesquisa com os alunos do Ensino Fundamental II, para melhor exemplificar.

Para entender o Solo na Agricultura, faz-se necessário identificar elementos presentes que o compõem e como a localidade de cada tipo de solo influencia em sua

formação como também na dos elementos físicos e culturais que os cerca. Um modo dinâmico que faz o aluno e o professor levarem um pouco do seu cotidiano para sala de aula para melhor compreender a temática do Solo e sua importância na Agricultura. A Internet é hoje um dos maiores aliados do professor, tendo em vista a variedade de práticas e metodologias que ela os oferece.

A UFPR disponibiliza atividades práticas envolvendo o Solo, que podem ser levadas para sala de aula. Encontra-se disponível uma Experimentoteca de Solos desenvolvida por Macanhão e Lima (2005), desenvolvida no projeto de Extensão Universitária Solo na Escola da Universidade Federal do Paraná (UFPR).

Um exemplo de prática de Solo que pode ser realizada em sala de aula, de acordo com Macanhão e Lima (2005) é a de conhecer a composição do Solo e suas diferentes texturas, que tem por objetivo a comparação de diferentes tipos de solo, para identificar suas características comuns: presença de água, areia, argila que variam em proporção na constituição de cada solo, específicos para diferentes tipos de cultivos agrícolas a serem realizados nele.

A realização desta prática proporciona que o aluno passe a ter um olhar diferenciado do seu entorno. Nesta prática é necessário amostras de solos diferentes, que o professor pode solicitar aos seus alunos que eles próprios tragam na aula que se pretende realizar esta prática, desta forma o aluno passará a observar com mais atenção o meio no qual faz parte do seu cotidiano. Ao realizar esta prática, seja em turmas do ensino básico como em turma do ensino superior de Geografia, nota-se a empolgação que os mesmos têm ao realizar esta atividade.

Lima, Araújo, Reinaldo e Xavier (2015), ao realizar esta prática com profissionais do curso de formação em Geografia afirmaram que: “Com os questionários aplicados logo após a atividade, ficou evidente que poucos alunos do Curso de Geografia, tiveram contato com práticas voltadas para o estudo de solos na fase escolar, o que contribuiu para o pouco conhecimento em relação à Pedologia”. Após a realização desta prática pode-se perceber que ao levar um pouco da realidade do entorno do indivíduo à sala de aula, nota-se no olhar de cada estudante de Licenciatura o desejo de passar a diante seus aprendizados adquiridos, sendo considerada uma importante ferramenta para construção do ensino.

Uma prática aparentemente simples, mas que faz grande diferença no processo de ensino-aprendizagem. Não apenas em conteúdos relacionados à Agricultura e ao Solo, com o advento da fotografia e filmagens, entre outros, pode o

professor levar fragmentações do espaço vivido pelo aluno para sala de aula. O prazer em construir esta ponte encontra-se não apenas no professor, como também no aluno, que ao ser proporcionado em sala de aula a abrir leques que partem para o seu meio social e familiar, cria-se uma zona de conforto no processo de ensino-aprendizagem bastante significativo, uma vez que o aluno deixa de lado a “decoreba” dos conteúdos e passa a absorver para vida assuntos estudados no ensino básico.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

As lacunas presentes na formação do profissional em Geografia, o professor, desencadeia um ciclo que ultrapassa gerações. Este profissional em formação transmite um ensino para seus alunos fazendo-se valer da mesma metodologia utilizadas por seus professores de formação acadêmica, na qual se criou uma zona de conforto e comodismo postos por uma viseira invisível neste profissional. O indivíduo em seu processo de formação de cidadão crítico, do ensino básico ao superior, se detém de linguagens que vão de acordo com o entendimento de cada fase.

O ensino de Geografia abordado nas séries iniciais de um indivíduo não será o mesmo de uma IES, quando abordado. Ser professor vai muito além de um pedaço de papel que o certifica para tal, e sim, é construir saberes junto aos seus alunos, é transferir um pouco do que sabe e absorver um pouco do que seus alunos têm a lhe oferecer. Um professor é um eterno aprendiz na escola de formação acadêmica e na escola de formação da vida.

Sabe-se que a realidade do local de trabalho de um professor do Ensino Básico deixa muito a desejar fazendo o profissional, tanto de Geografia como das demais áreas, pôr definitivamente uma viseira invisível, que o impede de abrir novos horizontes e poder encontrar caminhos nos quais não conheceu durante o processo da sua formação acadêmica. Falta estímulo e direcionamentos na formação do profissional que o levam a enxergar e reafirmar os porquês de ter escolhido a profissão de professor. É necessária uma construção constante de pontes de conhecimentos, sejam elas da teoria com a prática, vista nas IES, como também aquelas construídas entre os professores do ensino básico e seus alunos.

As lacunas presentes no cotidiano da sala de aula na Educação Básica, devem ser evitadas durante a formação do profissional em Geografia, o professor. Com a

realização de eventos como espaço de debates, além da sala de aula, possibilita a este profissional a abertura de um leque maior que o possibilite enxergar para além das viseiras invisíveis que adaptou-se a utilizar.

Torna-se necessário que o profissional da área viva em constante atualização de situações adversas que envolvam o meio atual. Se os aprendizados adquiridos em sala de aula não tivessem por finalidade possibilitar que o aluno se transforme em um cidadão crítico que do meio que o cerca, qual seria a função de um professor senão a de ensinar para vida? Não existiria a função de professor. Através de debates nas IES, seja uma sala de aula ou nos eventos que o curso de formação oferece, os profissionais são possibilitados a realizar trocas de experiências, como também através de relatos, poder sentir o verdadeiro sentido do cotidiano que envolve uma sala de aula do Ensino Básico.

É possível sim, acabar ou minimizar, este ciclo de conhecimentos que limitam-se apenas às paredes de uma sala de aula. Os profissionais do curso de formação do professor em Geografia necessitam de um novo pensar de aprendizagem que supere as formas estáticas e pode-se dizer, pragmáticas, de abordar conhecimentos em sala de aula e assim passar para sua turma, com uma grande variedade sociocultural esperando um processo de ensino que os possibilite ampliar horizontes do saber.

Como profissional em formação da área, que tive como experiência da docência os Estágios oferecidos pela Instituição e oportunidades adversas que surgiram, para lecionar na Educação Básica, na disciplina de História e também na de Geografia, sinto-me afetada como profissional, pois o processo de formação no qual passei por mais oportunidades que agarrei, desde participações em eventos a bolsa de estudos da Iniciação Científica, não me direcionou à caminhos possíveis de solução da problemática na qual levantei e tive que, em partes, caminhar com minhas próprias pernas.

## REFERÊNCIAS

ADAS, Sérgio; ADAS, Melhem. **Expedições Geográficas**. São Paulo: Moderna, 2015.

BARBOZA; Brenda Swyly Souza; RODRIGUES, Havner Mendonça. **Prática de ensino: a importância da aula de campo em disciplinas acadêmicas para formação docente em Geografia**. 2016. Disponível em: <[http://www.eng2016.agb.org.br/resources/anais/7/1467227972\\_ARQUIVO\\_ArtigoENG.pdf](http://www.eng2016.agb.org.br/resources/anais/7/1467227972_ARQUIVO_ArtigoENG.pdf)>. Acesso em: 04 março. 2017.

CALLAI, Helena Copetti. **Ensino de Geografia: práticas e textualizações no cotidiano**. Porto Alegre: Mediação, 2009.

CALLAI, Helena Copetti. **A formação do profissional da Geografia: (O professor)**. Ijuí: Unijuí, 2013.

CORRÊA, Roberto Lobato. **Região e organização espacial**. 8. ed. São Paulo: Ática, 2007.

DEON, Alana Rigo; SILVEIRA, Dilermando Caetano da; PAIM, Robson Olivino. **Reflexões sobre a formação de professores em Geografia: a ideia do conhecimento geográfico pertinente**. 2014. Disponível em: <<http://incubadora.periodicos.ufsc.br/index.php/pesquisar/article/viewFile/3219/3782>>. Acesso em: 04 março. 2017.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17ª. Ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1991.

IDEB. **Resultados e Metas**. Disponível em: <<http://ideb.inep.gov.br/resultado/resultado/resultado.seam?cid=7149219>>. Acesso em: 10 março. 2017.

JATOBÁ, L; LINS, R.C; SILVA, A.F. **Tópicos especiais de geografia física**. Petrolina: Progresso, 2014.

LACOSTE, Yves. **A geografia: isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra**. 17. ed. São Paulo: Papirus Editora, 2010.

LIMA, Guilherme Amisterdan Correia; ARAÚJO, Poliana Marinho; REINALDO, Lediam Rodrigues Lopes Ramos; XAVIER, Rafael Albuquerque. **Textura do Solo**:

**importância da realização de atividades práticas no ensino de Geografia.** 2015. Disponível em: < <http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/tamoios/article/view/15318/15137>>. Acesso em: 04 março. 2017.

MACANHÃO, Priscila. & LIMA, Marcelo Ricardo. Experimentoteca de solos conhecendo a composição do solo e suas diferentes texturas. **Projeto solo na escola.** Paraná: Departamento de solos e engenharia agrícola da UFPR, 2005.

MAUCH, J. E.; BIRCH, J. W. **Guide to the successful thesis and dissertation: a handbook for students and faculty.** 4. ed. New York: Marcel Dekker, 1998.

MEC. **Base Nacional Comum Curricular.** Disponível em: < <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/documentos/bncc-2versao.revista.pdf>>. Acesso em: 10 maio. 2016.

MELO, Valter de Freitas; LIMA, Marcelo Ricardo de; LIMA, Valmiqui Costa. **O Solo no Meio Ambiente.** Curitiba: Tiragem, 2007.

NETO, Manoel Fernandes de Sousa. **O ofício, a oficina e a profissão: Reflexões sobre o lugar social do professor.** 2005. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/%0D/ccedes/v25n66/a07v2566.pdf>>. Acesso em: 04 março. 2017.

OLIVEIRA, Ariovaldo U. (Org.). **Para onde vai o ensino da geografia?** 7ª. ed. São Paulo: Contexto, 1998.

PAIVA, Vera Menezes de Oliveira e. **A formação do professor para o uso da tecnologia.** Disponível em: < <http://www.veramenezes.com/formtec.pdf>>. Acesso em: 24 março. 2017.

PEREIRA, Robson da Silva. **Geografia, a reflexão e a prática no ensino.** 5 ed. São Paulo: Edgard Blucher Ltda, 2009.

PILLETI, Claudino. **Didática geral.** 8. ed. São Paulo: Ática, 2007.

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. **Estágio e Docência.** 7ª. ed. São Paulo: Cortez, 2008

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do espaço habitado.** São Paulo: Hucitec, 1988.

SILVA, Cláudio Souza da; FALCÃO, Cleire Lima da Costa; SOBRINHO, José Falcão. **O ensino do Solo no livro didático de Geografia.** Universidade Estadual Vale do Acaraú/UVA: Revista Homem, Espaço e Tempo, 2008.

VIEIRA, Carlos Eduardo; SÁ, Medson Gomes de. Recursos didáticos: do quadro-negro ao projetor, o que muda? In: PASSINI, Elsa Yasuko; PASSINI, Romão; MALYSZ, Sandra T. (Org.) **Práticas de ensino de geografia e estágio supervisionado.** São Paulo: Contexto, 2007. P 101-116.

APÊNDICE A- Modelo de entrevista realizada com alunos do curso de formação em Geografia  
Variável: SocioAmbiental  
Fonte: Callai (2013)



Pesquisadora: Fernanda Thaynelly Acirole de Carvalho

Orientadora: Prof.<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup> Lédiam Rodrigues Lopes Ramos Reinaldo

Esta pesquisa busca uma análise da percepção do profissional em formação do curso de Geografia acerca da abordagem da teoria versus prática vista na Instituição e como a formação por ele adquirida afeta na sua identidade enquanto profissional na área.

Período: \_\_\_\_ Município que reside: \_\_\_\_\_ Sexo: \_\_ Idade: \_\_\_\_

1. No decorrer do Curso, até o momento, quais disciplinas possibilitaram a você debates que o encaminhou para uma análise e/ou prática da realidade de uma sala de aula no Ensino Básico?

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

2. Já teve alguma experiência na área além do componente do Estágio?

\_\_\_\_\_

3. Você exerce a profissão de professor?

\_\_\_\_\_

4. A teoria encontra-se dissociada da prática ou caminham juntas?

\_\_\_\_\_

5. Como você avalia o curso de formação de professores em Geografia? Ele prepara você pra realidade que encontrará no cotidiano em sala de aula?

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

APÊNDICE B- Modelo de entrevista realizada com alunos do Ensino Fundamental II  
 Variável: SocioAmbiental  
 Fonte: Macanhão e Lima (2005)



Pesquisadora: Fernanda Thaynelly Aciole de Carvalho

Orientadora: Prof.<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup> Lediam Rodrigues Lopes Ramos Reinaldo

Esta pesquisa busca uma breve análise didática-pedagógica do modo como é abordado o ensino dos solos em sala de aula, bem como a aprendizagem adquirida pelo aluno em sala de aula.

Nome: \_\_\_\_\_ Idade: \_\_\_\_\_

Onde reside (zona urbana ou zona rural)? \_\_\_\_\_ Série: \_\_\_\_\_

Escola que você estudou no 6º: \_\_\_\_\_

1. O que você entende por SOLO?

---



---

2. Você já estudou sobre SOLOS? Na disciplina de Geografia ou na de Ciências?

---

3. Você tem alguém da família que vive da agricultura? Como essa pessoa realiza as plantações da propriedade?

---



---

4. Qual a importância que o SOLO tem para Agricultura? E para o Meio Ambiente?

---



---

5. Quais consequências o uso incorreto do SOLO pode trazer para sociedade?

---



---

## APÊNDICE C- CRONOGRAMA DE ATIVIDADES 2016/2017

Meses Etapas	AB R	M AI	JU N	JU L	AG O	SE T	OU T	NO V	DE Z	JA N	FE V	MA R
Levantamento Documental e Bibliográfico	X	X										
Revisão da Literatura			X	X								
Observação "in loco"				X	X							
Seleção e elaboração dos instrumentos para coleta de dados				X	X							
Coleta de dados				X	X							
Análise de dados						X	X					
Redação								X	X			
Elaboração final do TCC										X	X	X

ANEXO A- Foto da CIAC, Centro de Educação onde ocorre as aulas de formação do docente em Geografia na UEPB do campus I



ANEXO B- Foto da E.M.E.F. Olímpia Souto.

